

Escola Básica e Secundária
Padre Manuel Álvares

50 ANOS: ACONTECE(U)

50 anos da Escola das “Gaivotas”
1973/74 - 2023/2024

Escola Básica e Secundária

Padre Manuel Álvares

50 ANOS: ACONTECE(U)

50 anos da Escola das “Gaivotas” 1973/74 - 2023/2024

Índice

Nota introdutória	07
Educação na Região Autónoma breve síntese	08
Cronologia dos presidentes	12
PARTEI—MEMÓRIASEREFLEXÕES	15
A nossa Ribeira Brava	17
Refletindo...	32
<i>Testis</i> – a terceira pessoa	35
Nós e Fernão Capelo Gaivota	38
O ano da morte de José Saramago	41
PARTEII—VIVÊNCIASEPERCURSOS	45
A canção da escola	47
Escola Padre Manuel Álvares, uma ligação para a vida	49
Recordando	52
Turbilhão de memórias	54
Um retrato de memórias	56
Ainda me lembro	58
50 anos da Ebspma e Eu...	60
A Escola Padre Manuel Álvares	61
As nossas vozes	63
Testemunho	65

O nascimento do grupo: “ <i>Voo à Fantasia</i> ”	67
<i>Voo à Fantasia</i> – comemora este ano 25 anos de Vida	69
Na primeira pessoa...	71
Carta de amizade à Gaiivota do futuro	74

Nota introdutória

Este livro não é apenas uma celebração do passado. É, simultaneamente, um tributo à resiliência, à adaptabilidade e ao espírito inovador, que marcaram cada etapa do nosso percurso.

As nossas conquistas não são meramente o resultado de esforços individuais, mas sim da força da colaboração e de uma visão partilhada entre aqueles que deram início a este projeto, os que o desenvolveram, um sistema de ensino agregador e a comunidade envolvente.

Que esta obra seja uma celebração do passado, um guia para o presente e uma fonte de inspiração para o futuro. Que cada palavra e recordação aqui plasmadas constituam um tributo genuíno à extraordinária jornada de cinquenta anos que moldou a identidade da Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares, e que continuará a inspirar as gerações vindouras.

Presidente do Conselho Executivo
Susana Capelo

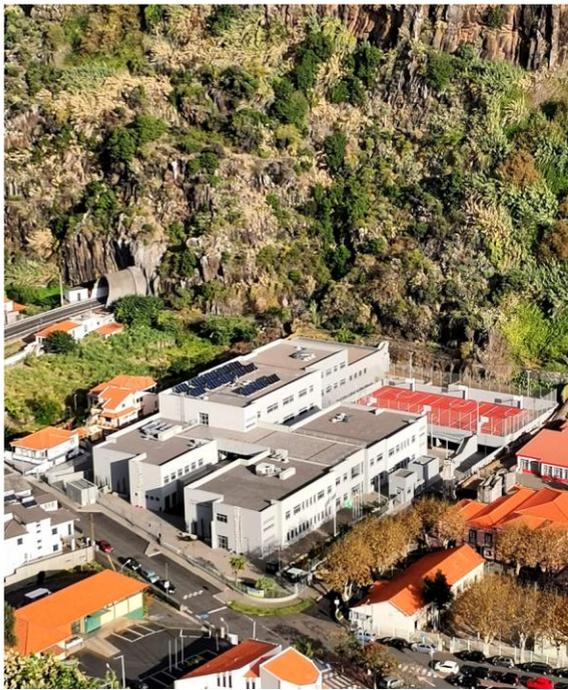


Inês Pestana, 9º A

Educação na Região Autónoma

breve síntese de um percurso de melhoria contínua

A caracterização do sistema educativo regional, nascido, desenvolvido e consolidado em regime autonómico, obrigamos ao recurso de dados e indicadores fidedignos, suscetíveis de traduzirem as realidades com rigor e transparência. Assim, é com muito gosto que elaborámos a presente síntese para este número especial, no contexto das celebrações dos 50 anos da Escola Padre Manuel Álvares – uma escola emblemática na história de expansão da escolaridade para além do Funchal.



Antes de detalharmos os dados e indicadores que permitem tanto a determinação da situação atual como a comparação com outros, afigura-se essencial prestar um reconhecimento à classe docente e às direções das escolas, cujo desempenho ao longo dos tempos tem sido um fator determinante para a evolução de que se dá conta.

No plano dos reconhecimentos, deixamos ainda uma palavra às famílias, cujos compromissos de elevação dos níveis de habilitação académica das crianças e jovens tem sido progressivamente mais relevante.

A Região reserva, desde há muitos anos, entre 20 e 25% do seu orçamento para a Educação. Os montantes daí derivados têm permitido o desenvolvimento das políticas públicas de que resultam os dados e indicadores que apresentamos, mas também escolas que funcionam, nas quais os encarregados de educação sabem que haverá professores para todas as disciplinas, bem como um clima de segurança e perspetivas de inovação, flexibilidade e inclusão.

TRANSIÇÃO DIGITAL

A transição digital na Educação é um item de grande relevo na caracterização do sistema educativo regional. Implementado há cinco anos, eis os seus elementos de referência:

progressividade: o projeto iniciou-se no 5º ano do Ensino Básico, em 2019, e assegurou a continuidade em cada ano letivo subseqüente, sem deixar de integrar os que chegavam ao 5º ano;

universalidade: foram contemplados todos os alunos de cada um desses anos letivos, matriculados nas escolas públicas da Região;

gratuidade: todos os alunos em causa receberam, sem qualquer custo, um tablet através do qual passaram a aceder, igualmente sem custos, a manuais digitais escolhidos pelas respetivas escolas;

segurança: o dispositivo é utilizável na escola e fora dela, por estar dotado de mecanismos de que impedem usos inapropriados e garantem a localização em caso de perda, extravio ou roubo;

formação: o lançamento do projeto contemplou a atualização da formação dos docentes envolvidos;

infraestruturação: à medida do aumento do número de turmas e alunos envolvidos, procedeu-se à infraestruturação tecnológica das escolas, nomeadamente no que respeita ao acesso à rede;

compromisso: a implementação do projeto passou pela livre adesão das escolas, através das competentes decisões dos respetivos órgãos, e igualmente pelo envolvimento das famílias;

extensão: o projeto avançou para o Ensino Secundário e em 2024/25 todos os alunos desse ciclo de ensino disporão de um computador portátil pessoal, com o qual acederão a manuais digitais.

Este projeto, que não temos como esconder que é único em Portugal, foi possível por termos, no tal plano geral, as competências políticoadministrativas resultantes da Autonomia, mas tiveram por base condições específicas de desenvolvimento que estão patentes nos seguintes itens, publicados pelas entidades responsáveis pelas estatísticas da Educação no nosso país:

- nos últimos 10 anos decresceu o número de estabelecimentos de ensino na RAM a ministrar os níveis de ensino não superior, tendência justificada pela diminuição do número de alunos; a exceção é o Ensino Superior que registou um aumento no número de alunos inscritos; esse número era de 3 952 em 2021/2022, um aumento de 15,9% em comparação com o ano letivo de 2011/2012;
- a taxa de transição/conclusão na RAM, cresceu em todos os ciclos de ensino, sendo em 2021 de 98,3% no 1.º ciclo, de 98,4% no 2.º ciclo, de 95,8% no 3.º ciclo e de 88,7% no ensino secundário, mais 12,9 p.p. do que no ano letivo de 2011/2012, em que foi registada uma taxa de 75,8%.

- em termos percentuais, relativamente ao total da população ativa, registou-se uma diminuição de 17,4 pontos percentuais (p.p.) na população ativa com apenas o nível de escolaridade completo “Até ao básico – 3.º ciclo” e um aumento da proporção da população ativa com “Secundário e póssecundário”, mais 8,3 p.p., e com ensino “Superior”, mais 9,2 p.p.;
- a taxa de abandono precoce de educação e formação de 2023 (expressa em média móvel de 3 anos, único modo que permite a divulgação deste indicador para a RAM, face aos critérios de difusão em vigor) fixou-se em 9,3%; regista-se, assim, uma redução de 0,5 pontos percentuais (p.p) face ao ano precedente; esta variável tem diminuído continuamente desde 2013 (primeiro ano da série), ano no qual atingia 28,0%, sendo que em dez anos decresceu 18,7 p.p., configurando a progressão mais rápida de Portugal nesse item;
- a taxa de aprendizagem ao longo da vida foi de 10,3%, a maior valor da série iniciada em 2011, sendo mais expressiva nas mulheres (12,0%) do que nos homens (8,4%). Esta taxa tem vindo a aumentar desde 2021;
- a percentagem de jovens (16-34 anos) não empregados que não estão em educação nem em formação (NEEF) fixou-se em 2023 em 11,5%, valor inferior em 1,6 p.p. comparativamente a 2022, constituindo o valor mínimo da série iniciada em 2011; contrariamente, a nível nacional, entre 2022 e 2023, assistiu-se a um aumento da referida taxa

Estas são as nossas realidades no âmbito da Educação, cujas políticas públicas se baseiam numa perspetiva de melhoria contínua, na certeza de que em todos os casos é sempre possível acrescentar valor e alcançar sucesso.

Afigura-se indispensável juntar a perspetiva de que a generalidade das atividades humanas dependerá, no futuro que se anuncia a cada dia que passa, da informatização, da digitalização e mesmo da inteligência artificial.

Estas deverão ser encaradas como ferramentas com potencial para que todo e qualquer ser humano possa delas tirar o maior proveito, assegurando o seu desenvolvimento integral, biopsicossocial, de matriz humanista e com o foco centrado na construção de um futuro melhor para todos, à escala local, regional e internacional.

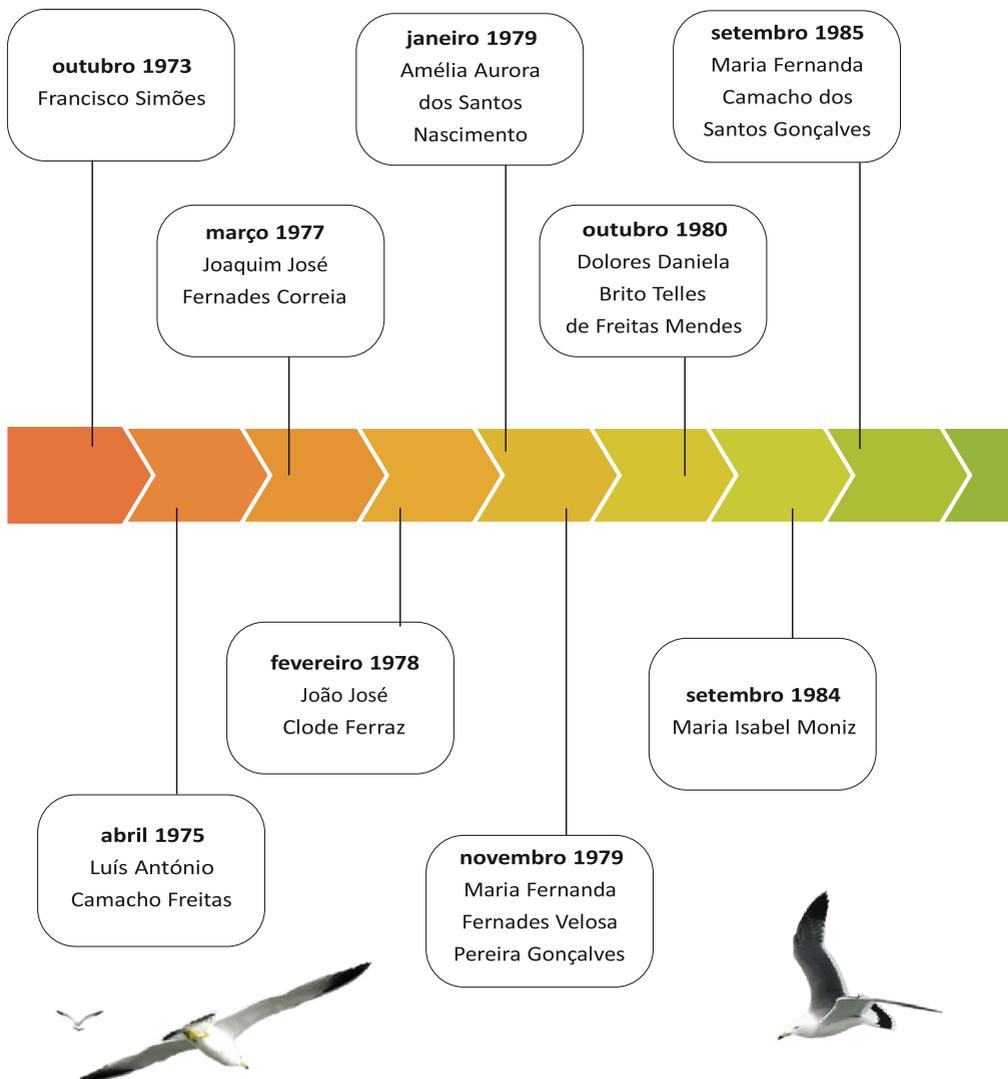
Na Região, temos procurado garantir as condições ideais para que a Educação assuma essa função de contribuir para futuros melhores, em que as grandes metas da Humanidade sejam conciliáveis com os sonhos e ambições no plano individual.

Afinal, foi sempre assim na nossa vida de ilhéus afastados de um país que, anos a mais, se reviu apenas na capital e considerou o resto mera paisagem; não é certo que essas visões, 50 anos depois da conquista da Democracia e 48 sobre o início do processo autonómico, estejam debeladas – mas também é certo que os madeirenses nunca abdicarão de serem donos do seu destino, construindo Portugal no Atlântico.

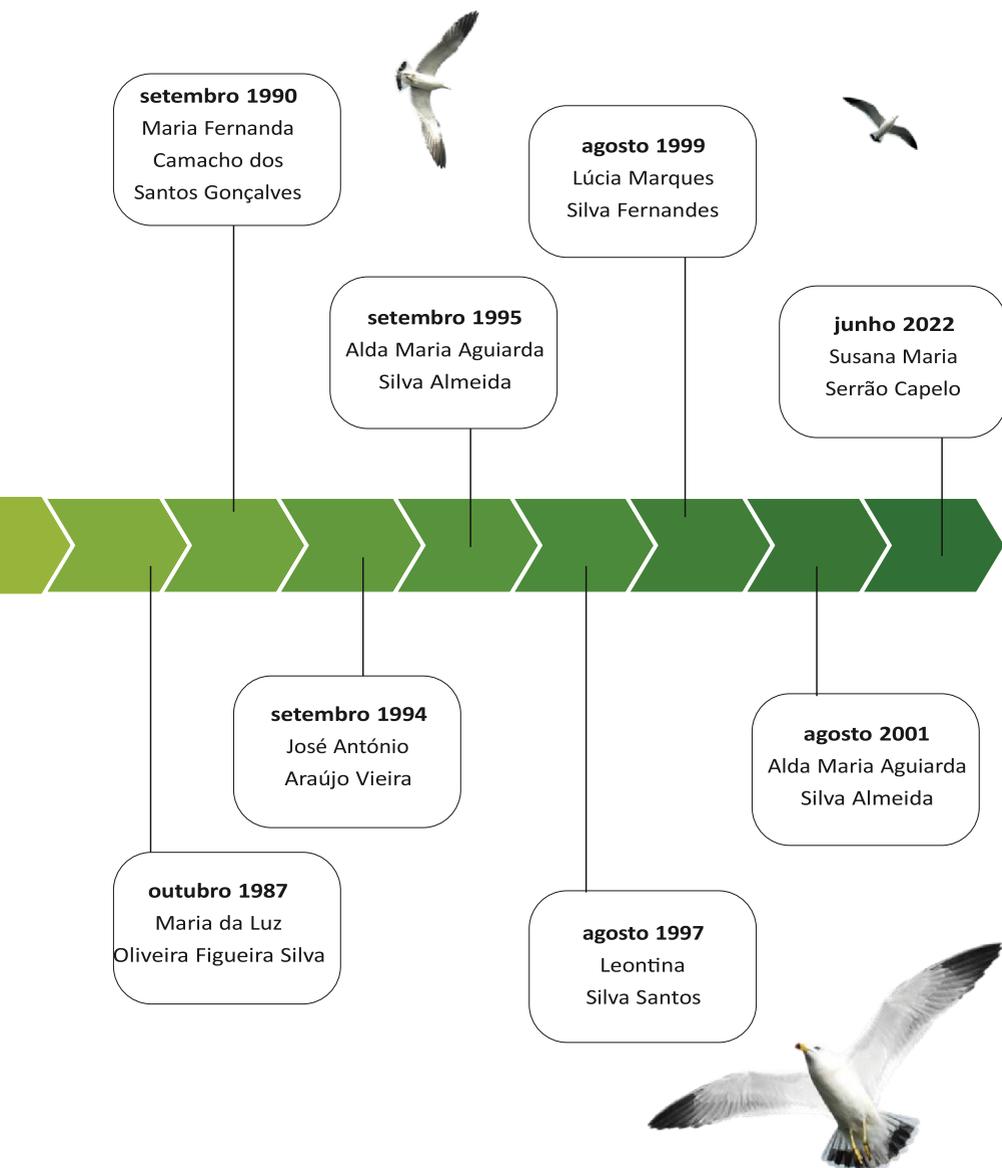
Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia Jorge
Carvalho

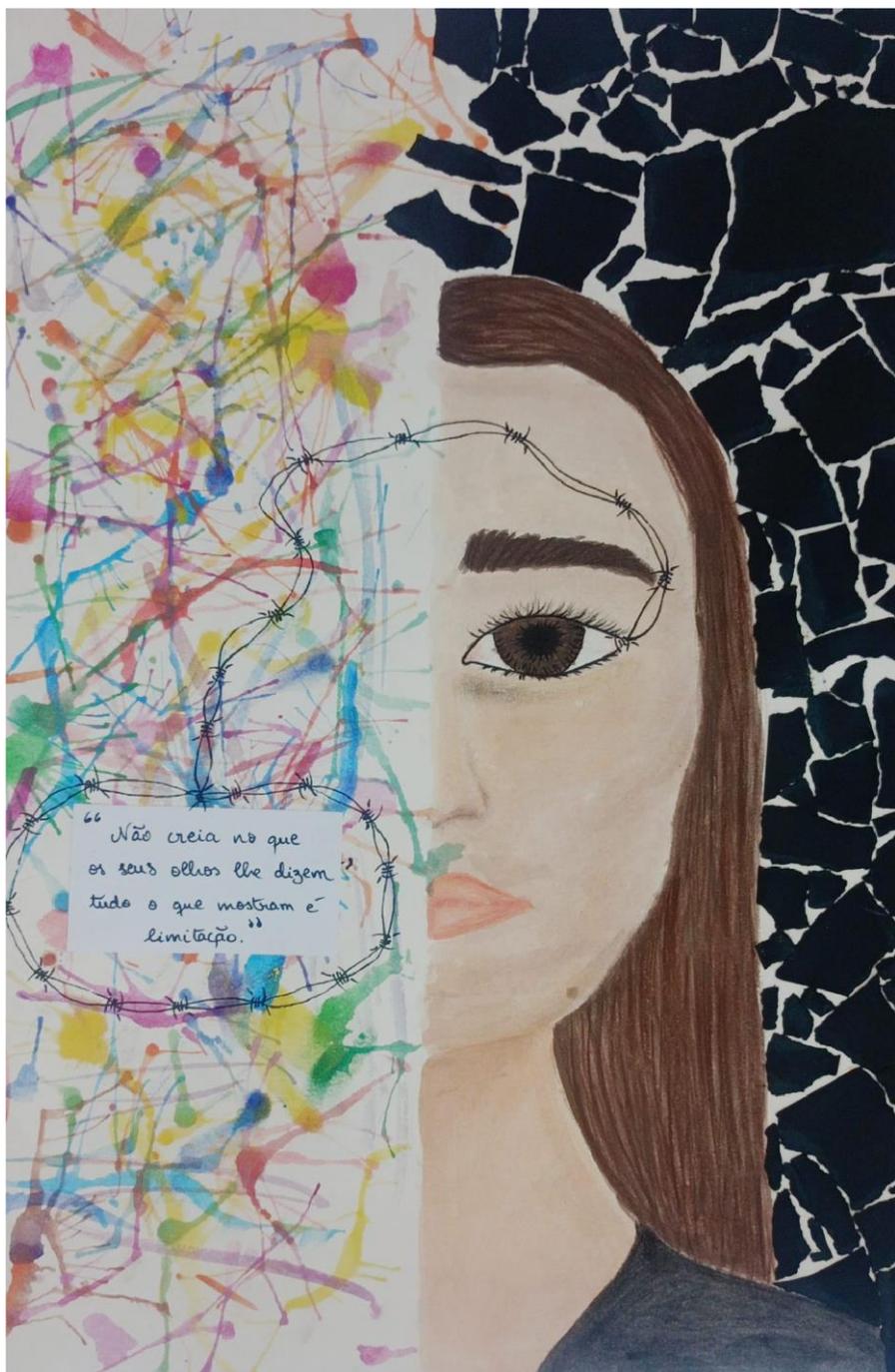
Cronologia dos presidentes

Datas das tomadas de posse



das comissões ou direções executivas





“ Não creia no que
os seus olhos lhe dizem,
tudo o que mostram é
limitação.”

PARTEI-MEMÓRIASEREFLEXÕES

Filipa Livramento, 9º A

A nossa Ribeira Brava

No ano lectivo de 1972/73 surge a Escola Preparatória Padre Manuel Álvares na Ribeira Brava, situada a 30km do Funchal e com acessos muito deficientes.

No entanto, quando do início das aulas desse ano lectivo, a existência da escola só estava assegurada no diário do Governo e, portanto, figurava apenas nas estatísticas; fisicamente consistia num terreno dedicado à construção da dita escola.

Como é que naquela altura se procedia à escolha de um director para uma escola, ou seja, como é que eu fui parar à Ribeira Brava?

Como reflexo da não existência da democratização do ensino, existia o seguinte procedimento: *“O Diretor Geral do Ensino Preparatório enviava uma carta confidencial ao Reitor ou Director da Escola Técnica mais antiga da região, em que pedia a indicação de nome(s) de pessoa(s) com determinados requisitos para vir(em) a ser directores da escola criada. Estes requisitos eram: ser uma pessoa de confiança política, ser licenciado, ter estágio e Exame de Estado.”*

No caso da Escola da Ribeira Brava, ninguém possuidor destas qualidades quis ser director devido aos aspectos negativos decorrentes do isolamento: apesar da Ribeira Brava distar apenas 30 km do Funchal era necessária uma hora de caminho, o que não possibilitava o acesso fácil ao Funchal, onde muitos professores conseguiam um ordenado “extra” através de explicações, já que os professores eram mal remunerados.

Por outro lado, numa escola com as características daquela, muitos problemas se adivinhavam.

A inspeção, caso estranhíssimo e inexplicável, era constituída por homens e mulheres democratas, empenhados e progressistas. Geralmente os inspectores não tinham estas características; eram antes agentes de repressão em relação aos professores, uns “papões” e uns déspotas. Na realidade não é tão estranho quanto parece o facto de naquela altura e no Ensino Preparatório tinha sido criado recentemente, e, portanto, era constituído por pessoas com ideias e objectivos novos, diferentes.

A inspeção era, pois, constituída por companheiros, colegas mais experimentados, com outras vivências e que nos davam aberturas bastante positivas. O meu antigo professor e amigo pessoal Jaime de Sousa foi, naquela altura, enviado ao Funchal expressamente para resolver o problema da inexistência de director na Ribeira Brava. Eu tentei ajudá-lo nessa procura, pois sabia da existência de casos dramáticos na Madeira devido a certos directores déspotas. Foi com esta preocupação que eu e o Jaime de Sousa tentamos arranjar um director para a escola da Ribeira Brava, E começamos a procurar colegas nossos que pudessem ser simultaneamente directores e pessoas “porreiras”, que fossem de facto pessoas boas e que gostassem de crianças e de ensinar. Das pessoas que nós seleccionámos ou não tinham habilitações suficientes ou não estavam disponíveis – uma das pessoas o professor Virgílio Pereira. Foi então nesse diálogo que se acaba por perguntar: *“Mas afinal o Simões que anda nessas “andanças”, porque é que não vai para director da escola?”*. Ora, era de facto uma coisa que eu nunca tinha pensado que me pudesse acontecer. Eu tinha habilitações, mas não tinha nem estágio, nem Exame de Estado nem confiança política. De início a minha resposta foi negativa, pois naquela altura estava a participar na reforma da Educação Visual (disciplina chamada ainda de Desenho) e era assim essencialmente um homem do campo – fazia experiências na escola, com os meus alunos, e era isso que eu gostava.

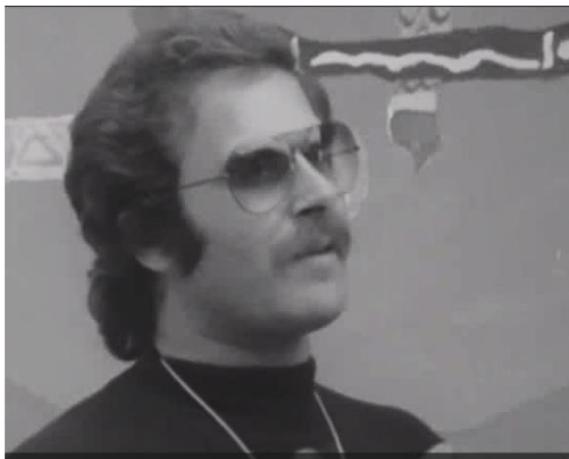
Perante grandes insistências dos meus colegas e, especialmente, do meu querido amigo Virgílio Pereira, acebi por aceitar mas com uma condição: só seria de facto director de acordo com um programa que eu pensava possível no ensino e, nomeadamente, no caso concreto da Madeira, com características tão específicas, tão concretas que o ensino tinha de ser adaptado à realidade local;; ser director de uma escola daquelas só seria possível desde que eu pudesse implementar um método novo, uma escola nova,

uma escola

diferente.

O Jaime propôs-me então dar cobertura à experiência caso eu a aceitasse. Acabo por ser proposto e sou chamado ao Sr.º Diretor Geral para uma conversa prévia com ele. Eu estava altamente informado pelo Jaime de

todos os tiques dos homens do poder e este era um dos que gostava de ser tratado



por V. Exa.; um homem que dava, tal como o Ministro, um ar de democrata e liberal – não posso garantir clara está que não o era. Fez-me uma alta preleção, que eu já sabia que não devia interromper, devia ouvir pacificamente e, só no final, eu poderia intervir, mas devia ser muito cuidadoso. Algumas ideias desta preleção são bem reveladoras da tal democratização que o Sr.º Ministro afirmava: eu não tinha títulos, era “o Sr.º” “não era professor, não era colega, não era nada. Disse-me: “*O Sr.º vai ser nomeado director de uma escola, vai ter uma grande responsabilidade, e vai ter de estar atento, porque hoje em dia há imensos agentes subversivos, perigosos, metidos dentro das escolas e, da minha experiência e do meu conhecimento, posso desde já avisá-lo: aqueles de quem é preciso ter mais cuidado são essencialmente os de Português, os de História e, até os de Religião e Moral*”. Durante este discurso várias vezes foi repetida esta frase: “*Eu não conheço as suas cores políticas mas...*” e continuava com a sua preleção.

No final, também fiz uma preleção: “*V. Exa. Sr.º Director Geral perguntou-me quais eram as minhas cores políticas – devo dizer-lhe que sou professor. Fui nomeado Director de uma escola que não existe – devo dizer-lhe que, se por um lado me preocupa, por outro, me vai permitir implementar algumas experiências que gostaria de fazer*”. É evidente que nunca lhe disse quais eram as experiências.

Chegou-se então a uma segunda fase:

- Matrícula dos alunos (realizada na Câmara)
- Inscrição dos professores (realizada também na Câmara)
- Constituição das turmas

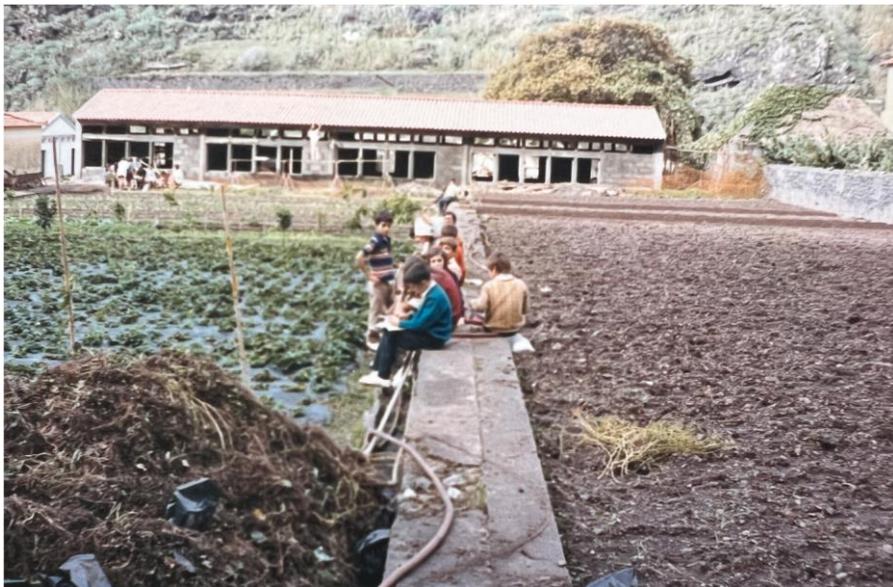
Estas listas foram colocadas, como mandavam as regras, no gabinete do diretor da escola. Dada a inexistência de qualquer edifício, este gabinete tinha lugar no meu carro.

Que eram os professores que tinham sido colocados na escola? Na grande maioria eram professores com o antigo sétimo ano incompleto, sem nunca terem lecionado. As excepções pertenciam aos professores de: Português (com o 5º ano e o Magistério Primário) e Desenho (curso de escultura da Escola Superior das Belas Artes).

Balanço da situação: existiam professores, alunos, director da escola e terreno onde ela iria ser construída. Perante esta situação e a proximidade do ano lectivo, tinha que definir o caminho a seguir, sendo possíveis duas alternativas: fazer a denúncia da “*demagogia*” da política do governo, o que implicava não dar aulas durante parte do ano lectivo, não abrir a escola na data marcada porque não havia escola; ou dar aulas nas condições existentes.

E foi por esta última alternativa que se decidiu. Por um lado, a “*mossa*” que poderia provocar no governo seria mínima, por outro existiam centenas de alunos que não iriam ter aulas durante alguns meses. Convocou-se, então, os pais dos alunos para

uma reunião no cinema da Ribeira Brava e, aí, foram apresentados aos pais os professores da futura escola, explicada



toda a situação – não existência de edifício, material, etc. – e, finalmente, a apresentação de um plano.

Sem ter escola física poderíamos “fazer” uma escola usando toda a Ribeira Brava e as ajudas, apoios, e saberes dos pais dos alunos. A escola seria então todo o espaço: o mercado, as ruas, a igreja, a praia, a esplanada, os muros... Com os professores, os alunos partiriam à descoberta das coisas. Que não estranhassem que a primeira descoberta fosse a da própria escola – a Vila da Ribeira Brava. E, se é normal um aluno entrar no liceu e aprender onde é o primeiro piso, a sala de Desenho... então seria natural que conhecessem aquela escola mais ampla, inclusivamente, quem habita com eles na escola.

Portanto, a grande aposta inicial foi: VAMOS CONHECER A RIBEIRA BRAVA. Este conhecimento passava por diferentes aspectos: físico, ambiental, cultural, religioso, histórico, etc. Fizeram, então, um grande levantamento dos factos e dados que lhes pudessem ser úteis nesse estudo: “quem trabalhava, o que se produzia, o que se fazia, como se trabalhava, que património, que comunicações, que se vendia, que cultura... Os presentes à reunião (em número significativo) votaram pela abertura da escola naquelas condições e naquele contexto.

Utilizando-se a expressão tão badalada na época do Ministro da Educação – “democratização do ensino” – estava, no primeiro passo para a formação da escola da Ribeira Brava, a ser dada uma “lição” de democracia a todos os que efetivamente

não a aplicavam e de como poderia ser a democracia no ensino. A democracia foi sempre a primeira regra de ouro efetivamente aplicada e interiorizada por todos os elementos da escola.

Dada a liberdade que a situação nos proporcionava resolveu-se o seguinte: começamos todos por fazer uma grande planta desenhada no chão com canas e paus. Era a maior planta possível para o espaço disponível – um dos topos do vale. Olhávamos a Ribeira Brava e marcávamos as ruas, as casas, bem como as coisas mais significativas. Fomos assim reconstituindo a Ribeira Brava com a informação conhecida pelos próprios alunos: “Aquela casa bonita era do Visconde da Ribeira Brava.”, “E quem era o Visconde da Ribeira Brava?”.

A planta traçada no chão foi passada para o papel e constituiu a primeira base de trabalho dos alunos. Passou-se depois à recolha de informações das diferentes áreas do saber. Esse intercâmbio de informações entre professores e alunos foi extremamente rico. Cada área do saber, no entanto, teria de aprofundar aquilo que lhe era afim. Mas muitas coisas não eram exclusivas da área de saber tal e tal. Por exemplo, a casa do Visconde da Ribeira Brava: tinha um grande interesse patrimonial, histórico, arquitetónico e até botânico. A Matemática poderia interessar-se pela planta, pela medição e determinação das áreas da casa, por exemplo. Os alunos falaram com pessoas mais velhas que tinham conhecido o Visconde da Ribeira Brava; recolheram diversos elementos, entre eles fotografias. No entanto, as dúvidas persistiam, havia um elevado nível de analfabetismo, subalimentação e subdesenvolvimento em certos núcleos populacionais.

Perante esta realidade os professores perguntavam-se: “*Será possível, neste contexto, continuar?*” Qualquer tentativa inovadora no ensino, tal como eu a queria fazer, não poderia ter eco em alunos com fome.

A grande aposta da Ribeira Brava nasceu, penso, da emoção. O ensino também passa pela relação emocional e afetiva. A “grande” Ribeira Brava é resultado da descoberta degradante de ter alunos subalimentados, com fome, que não podíamos ignorar.

Nasce então o centro principal da escola da Ribeira Brava, o terreno que estava destinado para a construção da escola. Vai ser desde logo utilizado como centro de produção alimentar para que os alunos pudessem comer. Tenta-se, assim, resolver um problema concreto e fundamental: a fome. Era necessário, para o mesmo fim, construir material que não podia ser comprado por falta de dinheiro, tal como: cestos, carros de mão, etc. Para tudo isso, a ajuda dos pais torna-se ainda mais necessária: vão ser eles os professores dos filhos e dos professores dos filhos. As tarefas mais violentas, como cavar a terra, eram propositadamente realizadas apenas pelos pais e professores para que ficasse bem assente que, ao contrário do



que se passava frequentemente, ali não havia exploração de trabalho infantil.

O centro de produção da escola era explorado essencialmente sob a responsabilidade da disciplina de Trabalhos Manuais, a qual, na altura e perante os seus novos objetivos, se passou a chamar por todos “Atividades Úteis”. No entanto, as outras disciplinas tinham ali, naquele terreno, imenso material didático. Vejamos: Português – os alunos faziam relatórios diários das atividades realizadas, observações diversas, etc.; Matemática: cálculo das áreas cultivadas, definição daquelas áreas, noções de diferentes conjuntos com base nas espécies

vegetais cultivadas, etc.; Ciências – estudo da constituição dos solos e processos utilizados para o seu

melhoramento, estudo da respiração e fotossíntese das plantas e suas estruturas componentes, estudo do problema da poluição, aprendizagem dos cuidados a ter com entulhos e ervas, etc. Falava-se, também, de uma outra estrutura – o esqueleto – estrutura essa comum à maioria dos animais e plantas; Desenho – a linguagem visual fala de linhas, pontos, texturas, sombra, luz, estruturas, cor, etc. Antes de se falar na estrutura em relação à obra de arte, começávamos por fazer estruturas para segurar as plantas.

Podemos verificar que toda a investigação era feita por processos empíricos e só depois de chegava à compreensão científica dos fenómenos. Todas as aquisições eram feitas com base nas vivências dos alunos.

É de notar que os conteúdos programáticos não tinham sido alterados nesta escola. Nesta altura, os programas e textos de apoio possuíam características inovadoras que permitiam uma aplicação muito lata do seu conteúdo. Aos professores desta escola bastou “agarrar” a oportunidade que esses conteúdos e textos de apoio lhes davam para se debruçarem sobre o material pedagógico que possuíam. E fizeram-no exaustivamente.

Além dos pais dos alunos e professores da escola, existiu ainda uma outra personagem que foi mesmo o grande professor da Ribeira Brava. Chamava-se João “Gaivota” e era trabalhador rural da Junta Autónoma do Funchal quando conseguiu que o cedessem para trabalhar na escola da Ribeira Brava. Tinha mais de 60 anos e a agilidade física já não lhe permitia fazer trabalhos pesados. No entanto, era um homem “sem tempo para estar reformado”, tinha muitos conhecimentos sobre agricultura e até reprodução e anatomia animal. Claro está, que tudo o que sabia não tinha nome científico: os ossos, por exemplo, consoante a forma e a função, tinham um nome próprio: “pazinha”, “caninha”, “bolinha”...



Era um homem com um sentido pedagógico invulgar. Técnico, embora analfabeto, foi a grande referência da escola. Era um homem que lá dentro tinha um estatuto igual ao de qualquer professor, estatuto esse que os próprios pais reconheciam. E que os alunos respeitavam.

Também é de referir um miúdo que nos foi muito querido. Frequentava a Escola Primária da Ribeira Brava, mas porque se sentia ali rejeitado e por ter fome, preferia passar o seu tempo na escola preparatória. Aqui, davam-lhe de comer e não o classificavam de anormal tal como a sua professora o considerava. Ela chegou mesmo a dirigir-se-nos nestes termos: “Ele foge à escola, mas sabe senhor director, ele não é normal, coitadinho”. A utilização da produção de géneros alimentícios começou inicialmente sob a forma de fornecimento diário de sumo de morangos

aos alunos. Diariamente também havia uma turma encarregada de fazer os sumos e a sua distribuição. Inicialmente, esse trabalho era feito na casa da professora Zita que vivia na Ribeira Brava. Mais tarde, relacionados com estes sumos, apareceram muitos alunos com uma furunculose. As causas fornecidas pelo médico, o nosso saudoso Dr. Pais, foram as seguintes: a alimentação habitual daquelas crianças era baseada em glúcidos e, de uma forma abrupta, o seu regime alimentar tinha sido modificado e o organismo fora desequilibrado, pela administração de verdadeiras “bombas vitamínicas”.

Este percalço veio mostrar que o bom-senso é uma importante arma pedagógica, mas também perigosa e insuficiente para as coisas se resolverem. Surge então a necessidade de serem adquiridos alguns conhecimentos científicos para que a alimentação fosse equilibrada. Teriam de ser introduzidas proteínas na dieta dos alunos e, a partir daí, foram efetuados esforços para que efetivamente fossem adicionados alimentos ricos em proteínas. Em primeiro lugar, procedeu-se a uma recolha de leite na comunidade e, mais tarde, conseguiu-se arranjar uma vaca para a escola e passou-se também a fazer manteiga e queijo. A alimentação dos alunos foi, assim, progressivamente melhorando em qualidade e quantidade. Posteriormente foi aproveitada uma casa velha situada ao lado do terreno para a instalação da cozinha e refeitório da escola. As mães dos alunos iam rotativamente à escola ensinar as alunas a cozinhar.

Mas, voltando novamente à produção obtida na escola, cedo se verificou que haviam excedentes suscetíveis de serem vendidos. Numa primeira etapa trocaram-se produtos alimentares com uma escola do Funchal. Este processo durou cerca de três meses e foi interrompido pelo director da outra escola, porque não havia cobertura legal e as pessoas começavam a falar...

Como na Madeira a produção de produtos hortícolas era muito deficiente – devido à monocultura de bananas, uvas e cana-de-açúcar – havia uma grande procura desses produtos e, como tal, a escola passou a vendê-los a um hotel no Funchal. Os produtos eram então selecionados para que fossem de qualidade para poderem ser vendidos a alto preço. A principal disciplina interveniente na administração do excedente da produção agrícola, e a sua posterior aplicação, era a Matemática. Os conhecimentos de estatística eram aplicados para estudar a produção, consumo e excedentes daqueles produtos. Nesse estudo havia uma gestão participada de todas as turmas na contabilidade da escola. A gestão passava também pelo estudo das possíveis aplicações do dinheiro realizado. Inicialmente, essas aplicações consistiam em comprar produtos que faziam falta aos alunos como roupas e medicamentos. Não houve caridade. Os alunos vestiram-se e alimentaram-se à custa do seu trabalho. Ninguém lhes deu nada. Eles próprios contabilizavam, elegiam, selecionavam aquele que mais precisava e quando precisava.

No segundo ano lectivo já se encontrava a funcionar o primeiro pavilhão construído e um telheiro. O primeiro mobiliário que utilizavam no seu interior: mesas, cadeiras, quadro preto, foi conseguido a partir da restauração de mobiliário degradado de outras escolas vizinhas. Procedeuse igualmente à construção de coelheiras, um pombal e um galinheiro, facto que permitiu a introdução de vários animais na escola. Cada objeto e



cada espaço era construído com base em projetos que implicavam a intervenção do desenho, Matemática, das Atividades Úteis, etc., e que tinham em conta a função requerida para esse projeto e a sua forma mais adequada para o desempenho da sua função. O galinheiro foi também o produto de um projeto de recuperação que teve muito em conta os aspectos estáticos. Introduzida pelo pai de um aluno, surgiu também na escola a criação de abelhas e, através da recuperação de um tanque velho, fez-se um Viveiro de trutas. A elaboração deste último envolveu o conhecimento de várias disciplinas e a construção de vasos comunicantes e um sistema de rega, bem como cuidados a ter com os peixes (entre eles a oxigenação da água). A introdução de animais na escola constitui uma motivação para os alunos. Permitiu a obtenção de géneros alimentares de origem animal, um estudo desses mesmos animais: respiração, reprodução, alimentação, etc. e os cuidados a ter com eles. Alguns géneros alimentares desconhecidos na ilha, foram introduzidos pela primeira vez na escola e através dela na Ribeira Brava, assim como o hábito de as semear.

Muito importante foi, também, a introdução na comunidade, através da escola, de hábitos de higiene a todos os níveis. No início do funcionamento desta escola, os professores depararam com imensos problemas de higiene corporal e, pouco a pouco, foram ensinando quais os cuidados a ter e qual a necessidade de os ter. Os hábitos de higiene não diziam respeito só aos alunos, mas também às suas famílias, aos animais e à própria vila.

A relação comunidade/escola era bastante forte como se pode constatar. O director de turma, por exemplo, tinha geralmente muito cuidado em acompanhar também os problemas familiares de cada aluno e os contactos família/escola eram férteis e frequentes. A escola preocupou-se também



em reanimar a cultura popular da região.

Antes de existir um campo de jogos, propriamente dito, improvisaram-se alguns materiais de modo a ser possível a realização dos jogos. As regras desses jogos eram elaboradas pelos alunos. Só mais tarde foi dado o conceito de jogo formal e expostas as regras habituais dos vários jogos.

As paredes dos edifícios foram exploradas como espaço didático. Por exemplo, a sensibilização dos alunos para a poesia inclui a inscrição de várias poesias escolhidas, naquelas paredes, como também a elaboração de pinturas com os motivos dessas poesias. Cada parte de um pavilhão tinha denominação de rua. Isto não acontecia fortuitamente, mas tinha uma origem determinada. A “Rua das Sombras”, por exemplo, devia o seu nome a mais uma realização interdisciplinar. No programa de Ciências figuravam os fenómenos da luz e da sombra, no de Desenho os de forma e cor, no de Matemática os conceitos de superfície e território. Aproveitando a mesma experiência conseguiu-se fazer perceber a todos

estes conceitos paralelos. Um aluno colocou-se entre o sol e a parede. Consoante a sua posição relativa assim se projetaria na parede uma determinada sombra, mais ou menos intensa, e que era representada por uma determinada cor.

Em seguida, outro aluno numa outra posição originaria uma outra sombra, com outra forma. Possivelmente, na zona de sobreposição existiria outra cor, resultante das iniciais. E, cada sombra tinha um contorno seu que definia o espaço que ocupava na superfície plana da parede.

Em relação às regras estabelecidas para o funcionamento da escola foram as seguintes:

- “Aqui ninguém ensina nada a ninguém; o que nós todos temos de fazer hoje é ensinar a aprender.”
- “É proibida a expulsão dos alunos.”
- “É proibida a agressão.”

Acta n.º 9
Nos sete dias do mes de Junho de mil novecentos setenta e quatro, reuniram os professores da Escola Preparatória Padre Manuel Abades. Presidiu à reunião o Director e o Secretário da Escola.

Aberta a sessão foram tratados dos seguintes assuntos:

- Preparação para a reunião do terceiro período:
- Análise da actividade pedagógica
- Esclarecimento sobre o movimento de vinte e cinco de Abril e a sua afinidade como a experiência da nossa Escola. (Sublinhar o facto do Inspector Jaime de Sousa, numa acção regional ter evocado a nossa Escola, como simbolo de Escola a adoptar num País democratico).
- Continuar os planos de trabalho até ao dia dez de Agosto.

Quada mais a tratar foi encerrada a sessão, elaborando-se esta acta que vai ser assinada pelo Director e pelo Secretario da Escola depois de lida e aprovada.

Secretário: *Mullim Mullim*
Director: *Francisco Simão*

Ata n.º 9 de 7 de junho de 1974

Face às novas circunstâncias, os professores deveriam privilegiar:

Os conceitos de democracia, liberdade e justiça.

O espírito de cooperação e entreaajuda.

As relações do aluno com o universo, ou seja, com os outros homens, a natureza e a cultura.

Tratava-se, pois, de um "esquema pedagógico" não fundamentado em grandes teorias filosóficas e intelectuais, mas construído através das grandes deficiências económicas da comunidade em que a escola se inseria. Deficiências essas que, naturalmente, apareciam como decorrentes da grande expansão escolar e que fazia com que classes socialmente desfavorecidas passassem a ter ensino pós-primário.

É de notar, igualmente, que os professores deste nível de ensino não se encontravam minimamente preparados ou aconselhados para fazer face a situações deste tipo. Deste modo, a atitude tomada pelos professores desta escola e, neste contexto, surge isolada, sem qualquer apoio exterior, a não ser dos pais dos alunos e, por isso mesmo, foi uma atitude corajosa. Se não havia filosofias na base do aparecimento da escola da Ribeira Brava com estas características, haveria, no entanto, uma relação de entreatajuda que dava aos vários elementos intervenientes uma grande unidade.

Essa unidade foi consolidada na história de Fernão Capelo Gaivota. Não era uma história banal, foi mesmo interpretada como sendo a história dos alunos e dos professores da escola. O seu objetivo era o de “voar mais alto”, saber mais, “ir mais longe”. E, também eles poderiam ser “banidos” pelos “bandos” conformistas. Estando a identificação feita com aquela gaivota tão inconformada, tomaram-lhe o nome e cada um passou a ter o sobrenome de “Gaivota”.

Resta-me referir ainda que esta escola sofreu uma certa marginalização, nomeadamente pelas escolas do Funchal. Isto porque não obedecia aos requisitos das outras “escolas normais”: não tinha campainha e as aulas eram dadas muitas vezes fora do edifício escolar. Daí que tenha lutado para que essa ideia não se generalizasse e que as pessoas se apercebessem do alcance desta experiência.

Convidou-se a visitar a escola uma metodóloga do ensino preparatório – Élia de Almeida – e conseguiu-se que ela fosse “envolvida” pela experiência em curso integrando-se nela e contribuindo muito para o seu enriquecimento. Ao mesmo tempo, conseguiu-se que as pessoas que criticavam a escola sentissem que ela tinha uma certa “aprovação oficial”. Todos os meses a “inspetora” – tal como lhe chamava – visitava a escola com as suas estagiárias e dava aulas diferentes e inovadoras. Quero referir aqui que a noção de padrão – comum à matemática, Português, Desenho, etc., - foi incluída numa das suas aulas: a partir de quatro palavras chegou-

Para o próximo mês deveremos realizar uma autocritica ás nossas actividades. Deho fundamentalmente que cada um de nós faça um relatório sobre o que foi a sua actividade inserida na experiência pedagógica que todos levamos a cabo.

É muito importante que se faça a avaliação da experiência para que possamos corrigir algumas falhas que inevitavelmente surgiam.

O vinte e cinco de Abril, abri-nos agora perspectivas a que o nosso trabalho possa ser feito mais abertamente e sem necessidade de estarmos a camuflar alguns aspectos que até aí seriam perigosos evidenciados.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual se lavrou esta acta que vai ser assinada pelo Director e por mim Secretário.

O Secretário

O Director

Guilherme Mendes
Francisco Silva

Excerto da ata n.º 10 de 5 de julho de 1974

se ao conceito de oração, padrão de frases e padrão literário. Os conhecimentos pedagógicos de que a Élia era portadora encontraram na Ribeira Brava o terreno propício para se implantarem e desenvolverem. Pode-se dizer que os proveitos de um se ajustavam às necessidades do outro.

Os inspectores que visitaram a escola foram, em geral, “envolvidos” por ela. Aproveito, então, para contar em linhas gerais a visita de um desses inspectores. Chegou à escola de manhã, antes do começo das aulas, vi-o passar em direção do tanque das trutas. Apercebendo-me de que algo de anormal se passava dirigi-me também eu à pressa para lá. Vi, então, que um aluno estava empoleirado num dos muros a tentar tirar uma das trutas do novelo de redes que estava na borda do tanque. Não havendo qualquer proteção no tanque, o miúdo encontrava-se numa situação de certo modo perigosa. Comecei logo a preparar-me para a admoestação do inspetor, o qual, porém, não se manifestou. Mais tarde, o inspetor pediu-me para que o levasse de carro a uma escola próxima que precisava visitar. Na chegada à referida escola esperavam-no o diretor e os professores. O director iniciou então um discurso que, entre outras coisas, referia o facto de os alunos daquela escola

serem muito cruéis. Tinham, por exemplo, morto uma coelha grávida de um senhor da região, só pelo prazer de matar. *Que nome mais propício para aquelas crianças do que selvagens?* Eram autênticos “calhaus com olhos”! O inspetor, na sua resposta ao discurso, referiu-se àquele facto, tendo dito que estranhava muito que naquela escola as crianças tivessem procedimentos semelhantes. Isto porque acabava de vir de uma escola vizinha (Ribeira Brava) onde as observações que tinha feito

Acta n.º 14
Nos vinte e um dias do mês de Outubro de mil novecentos setenta e quatro, no cinema da Ribeira Brava, reuniram-se o Director da Escola Preparatória Padre Manuel Alvares e alguns professores desta escola, com todos os alunos e encarregados de educação. Aberta a sessão o Director historiou a todos os presentes o que tinha sido a actividade da escola no ultimo ano lectivo, fez sentir a todos a importância da actuação da escola e, perguntou aos pais dos alunos se concordavam com esta actuação. Todos foram unanimes em concordar com a actuação da escola. Foi seguidamente anunciado que o terceiro ano do ciclo preparatório já estava autorizado a funcionar na nossa escola e, que esta medida tinha sido uma excepção aberta só à escola de Ribeira Brava. Temos que agradecer este acontecimento aos Senhores Secretários de Estado Dr. Rui Grácio e Engenheiro Protes de Afonseca e ainda ao Dr. António Reis, Señora D. Eugénia Martins e Señora D. Maria do Rosário secretária do Dr Rui Grácio. Estas pessoas são grandes amigos da nossa escola e lutaram para que os nossos alunos pudessem continuar os seus estudos na nossa escola.

Excerto da ata n.º 14 de outubro de 1974

eram completamente díspares. Tinha visto sim, um aluno empoleirado num tanque pondo em risco a sua vida, para salvar uma truta enrolada na rede. Estas crianças

não seriam muito diferentes das outras; a única diferença era a de terem educadores diferentes...

Finalmente, há que responder à pergunta: quando, como e porquê desapareceu esta Escola da Ribeira Brava? Ela desaparece em finais de 1976 o que, aparentemente, não se enquadra no quadro político da época. Com o 25 de Abril de 74 e o conseqüente aparecimento de muitas das liberdades esquecidas durante 48 anos de Ditadura, a Ribeira Brava não consegue subsistir. Passemos aos factos que conhecemos: em novembro de 75 vou para o Continente. As causas deste acontecimento são nitidamente de ordem política. Ainda hoje, na Madeira, a alusão à antiga Escola da Ribeira Brava nem sempre é bem acolhida. Há com certeza quem naquela Ilha tenha ainda vivas na sua memória determinadas vivências ocorridas naquela Escola; há quem recorde.... Mas será que a Ribeira Brava ainda está viva?

“- ... um dia, Fernão Capelo Gaivota compreenderás que a irresponsabilidade não compensa. A vida é o desconhecido e o desconhecível. Só sabemos que somos postos neste mundo para comer e para nos mantermos vivos durante o máximo de tempo possível.

Uma gaivota nunca responde ao Conselho do Bando, mas a voz de Fernão fez-se ouvir.

- Irresponsabilidade? Meus irmãos! – gritou – Quem mais é irresponsável que uma gaivota que descobre e segue um designio elevado na vida? Há mil anos que lutamos por cabeças de peixe, mas agora temos uma razão para viver, para aprender, para descobrir, para sermos livres! Dêem-me uma oportunidade, deixem que vos mostre o que descobri...

O Bando mostrou-se irredutível.”

Fernão Capelo Gaivota, Richard Bach

Francisco Simões, 1999

Refletindo...

«Vê mais longe, a gaivota que voa mais alto»

Fernão Capelo Gaivota

«A escola começa quando uma criança encontra um professor, um miradouro de onde se vê mais longe». Eduardo Sá

Neste ano memorável, em que o meu país assinala 50 anos da Revolução de Abril, e a minha escola, a Escola Padre Manuel Álvares, comemora o seu quinquagésimo aniversário, sou tomada de uma nostalgia do tempo em que conheci o Fernão Capelo Gaivota, que associado aos valores de abril, alimentaram a esperança e a fé num país e num mundo mais livre, mais justo, mais dignificante para todo o ser humano. E a par da nostalgia, sou tomada de uma tristeza por constatar que a minha esperança num mundo mais humano, se transformou, nas últimas décadas, num retrocesso em direção a uma perigosa e perniciosa escravidão, com rótulos de liberdade.

Liberdade! Liberdade!

Há 50 anos, numa zona rural, numa pequena ilha de um país dominado por uma ditadura, era impensável alguém se atrever a abordar o tema da Liberdade. Mas aconteceu na Ribeira Brava, na Escola Padre Manuel Álvares. O grande professor e escultor Francisco Simões, há 50 anos, assumiu a desafiante função de ser o Diretor de uma escola em início de construção, sem as condições mínimas para a prática do ensino (poucas salas e salas totalmente despidas de mobiliário ou apetrechos pedagógicos). Mas a motivação dos alunos, dos Encarregados de Educação, dos jovens professores, e essencialmente do Diretor, o milagre aconteceu: desenvolveu-se uma experiência pedagógica extraordinária e altamente inovadora para a época. Não vou descrever as várias formas e atividades que se desenvolveram para superar a falta de meios, mas sublinho os três grandes valores da verdadeira pedagogia: **o respeito, a liberdade e a criatividade.**

E um outro aspeto surpreendente desta experiência é o facto deste projeto pedagógico ter tido início em outubro de 1973, antes da Revolução dos Cravos. Foi uma atitude arrojada e sonhadora do Diretor Simões que teve o dom de envolver alunos e professores a seguirem os princípios de Fernão Capelo Gaivota. Todos sonhavam com a capacidade de ensaiar voos cada vez mais altos, e assim, pelo conhecimento, ver mais longe e experienciar a «liberdade».

«Somos livres, somos livres», cantava, em alto som, o bando de gaivotas (o grupo dos alunos de então), no cortejo do 6 de maio, o intitulado dia da Escola, pelas ruas da vila da Ribeira Brava.

Confesso que nesses anos letivos de 1973/74 e 1974/75, a minha ignorância, a imaturidade e a inocência não me permitiam ter consciência do extraordinário valor do projeto pedagógico que estava a viver. Mas esses valores foram se desenvolvendo e mais tarde, de forma ciente, o espírito de Fernão Capelo Gaivota norteou a minha vida. O contexto familiar e social era ainda muito limitante e conservador, mas sempre que a oportunidade ocorria, aproveitava para ensaiar voos, abraçando novos desafios e assumindo responsabilidades, tanto a nível profissional como social. E tal como ocorria com Fernão Capelo Gaivota, por vezes

a pressão do Bando enfraquecia a minha motivação, mas logo reequilibrava o meu voo. E, sem falsas modéstias, reconheço que esse espírito alimentou a minha cidadania ativa, embora apenas em voos rasantes.

E hoje, 50 anos decorridos desde a experiência pedagógica que colocou a escola da Ribeira Brava, a escola das gaivotas, como exemplar e referência para a formação de professores, continua a voar o jornal «A Gaivota», espaço de expressão, que vem desde essa época, onde alunos e professores dão asas ao seu sentir e pensar, sem constrangimentos. Mas o ensino atual, um ensino castrante, sobrevalorizando os resultados de exames nacionais e *rankings* escolares, têm limitado as gaivotas de ensaiar voos diferenciados. E dou os parabéns aos professores que conseguem espaços e momentos pedagógicos de liberdade e criatividade, harmonizando os três pilares que constituem o ser humano: o agir, o sentir e o pensar. A massificação do ensino aliada a um ensino massificante, com escolas onde se aglomeram os alunos o dia todo, com enorme carga letiva em sala de aula, muitos deles desmotivados e com falta dos valores básicos da convivência social, têm transformado muito o ambiente escolar, por vezes tornando-o perigoso, onde reina o desrespeito e a violência física e psicológica. É realmente triste constatar que a escola, local de aprendizagem, de ensaio de novos voos com alegria e motivação, se transforme para muitos pais e alunos, local de obrigação.

Não estaremos a aumentar a caverna de Platão, a dirigirmo-nos cada vez mais para o seu interior, assumindo o virtual como real? E tal como os escravos da Alegoria da Caverna, não persistimos em recusar o esforço para sair dessa ilusão?

«Para a maior parte das gaivotas, o que importa não é saber voar, mas comer», assim constatava Fernão Capelo Gaivota. E «o seu único desgosto não era a solidão, mas o facto de as outras gaivotas se recusarem a aceitar a glória do voo que as esperava; recusavam-se a abrir os olhos e ver.»

A introdução das novas tecnologias no ensino, colocando a informação acessível com um simples clique de um dedo, leva alunos, encarregados de educação e alguns professores a acreditar que estamos a evoluir, e que a inteligência artificial nos libertará de esforços, pois o saber ser-nos-á servido, cada vez mais, pronto a consumir. Chegou finalmente o «*prêt-à-porter*» no conhecimento. *Para quê exercitar a memória, desenvolver raciocínios lógicos, aprender as regras gramaticais, se tudo isso consigo, com o clicar de uma tecla?* - questionam os alunos. Chegam a ponto de pensarem e dizerem que o professor já nada tem para lhes ensinar. E aqui percebe-se bem o desrespeito, a desvalorização crescente do papel do professor.

A globalização, alimentada pela apresentação do produto pronto a consumir e disponível em qualquer parte, está a invadir o ensino atual. E assim de forma acrítica, porque refletir dá trabalho, vamos consumindo os produtos, os conhecimentos e os valores, que se nos oferecem, envoltos em belas e cativantes embalagens. Mas muita atenção! Estamos perante uma ferramenta muito sedutora e dominadora, e fácil de se transformar num meio de manipular e massificar, estrangulando a riqueza da diversidade e da criatividade, a verdadeira essência do ser humano.

Impera, com urgência, regressar à caverna para libertar os escravos, usando a linguagem de Platão, ou regressar ao bando de Fernão Capelo Gaivota, para libertar as mentes aliciadas e anestesiadas pelas sombras e pelo facilitismo, e lhes mostrar que é sempre possível voar, e descobrir que: «...*tu tens a liberdade de ser tu próprio, o teu verdadeiro eu, Aqui e Agora; nada se pode interpor no teu caminho. Essa é a lei da Grande Gaivota, a Lei que é.*»

A gaivota Leontina Santos

“Por que será - interrogou-se Fernão - que a coisa mais difícil do mundo é convercer um pássaro que é livre, e que poderá prová-lo a si próprio se treinar um pouco?”

Fernão Capelo Gaivota n Richard Bach

Testis – a terceira pessoa

Quando recebi a notícia da minha efetivação definitiva no quadro da Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares, soube-me, confesso, a amargo. A Ribeira Brava para mim, naquele tempo, era um país distante, com a qual não tinha qualquer tipo de vínculo. Convenci-me de que seria interina a passagem por cá. Lançando olhar retrospectivo, eis-me decorridas três décadas na escola onde amadureci pessoal e profissionalmente, chamando-a *minha*, porque também é, e da qual sou também testemunho da maior parte da sua história.

Pertenço a uma geração de professores qualificados num tempo de carência de docentes após a generalização da educação cujas portas o 25 de Abril abriu. A vertiginosa dinâmica dos tempos políticos e sociais trouxe a esmo mudanças à educação, sem tempo para se refletir, para avaliar procedimentos adotados, para afinar estratégias, para acomodar-se às dores de crescimento, portanto. Não obstante, tenho dúvidas de que a voracidade inquieta da hodiernidade pudesse escapar à Escola. Sou, em vista disso, testemunha de um período muito dinâmico. Provavelmente, dilo-ão também os que após mim vierem pois, contrariamente ao senso comum, a escola procura adaptar-se sempre ao devir dos tempos, não fosse outro o seu material o rejuvenescimento.

Nos idos anos 90, a figura do professor tinha já perdido o prestígio social que ocupara na comunidade. A bem dizer, as figuras análogas representantes do poder espiritual, do poder político-judicial e da medicina sofreram erosão algo idêntica. No entanto, interessa verificar que, contrariamente às demais, a proletarização do professor decorre do processo de resposta à falta de docentes. O plano de qualificação de professores para responder ao sucesso da universalização do ensino esbateu a centralidade do professor, permitindo que as políticas de educação ditassem as prioridades, os conteúdos, as estratégias a organização da educação em Portugal sem auscultar nem ouvir o professor.

Numa primeira fase, todos nós confundimos sucesso da educação com universalização, dotando-a de infraestruturas escolares e de professores suficientes. Numa segunda fase, a disponibilização de instrumentos comparativos com o desempenho de outros sistemas de ensino, trouxe-nos coletivamente a decepção de que muito caminho se nos deparava. Não só no ensino, mas também na modernização profissional, na economia, tudo dependia (e também depende) de indicadores do ensino. O poder político contribuiu para a edificação da escola pública como instituição de multiusos: os novíssimos desafios da contemporaneidade foram sendo (e continuam a sê-lo) atribuições da escola. Quando (ainda) não se sabe enfrentar os inéditos desafios de cidadania, de saúde, de segurança, de ideologias de toda a sorte, tudo se atribui à escola e, não raras vezes, ouvese proporem a invenção de uma nova disciplina curricular para isto ou aquele outro. Bem vistas as coisas, a escola é a instituição super-homem (perdoem-me, e *supermulher*) que a tudo acode e por todos responsabilizada. O mecanismo de transferência para a esfera escolar das fragilidades da família, da gestão política e organização laboral tornou-se um hábito indolente quando não se sabe ou não se consegue enfrentá-los. Assisti ao alvor da informatização como recurso até à ubiquidade que ocupa hoje na escola; da *internatização* ao tele-ensino; da *googlização* à IA *per se* até ao valor substitutivo da *persona*; da *telemobilização* de todos os atos sociais, afetivos, cognitivos e de aprendizagem. O desconforto inicial, que interditou por vezes o uso do telemóvel na sala de aula, acabando por o tolerar e integrar, sofrivelmente, na prática pedagógica, seguiu-se sempre ao convencimento de que essas novas ferramentas podem trazer, e trazem seguramente, também novas oportunidades à escola enquanto instituição a meio caminho entre conservação (e não conservadorismo) e inovação. Justamente por esse papel de intermediação, a escola não é, a meu ver, o espaço, como comumente classificado, onde coabitam professores do século XX e alunos do século XXI.

A universalização do ensino levou tempo a acomodar a inclusão alargada. Logo se reconheceu que às classes sociais mais frágeis deveriam ser concedidas as mesmas oportunidades que às demais. A inclusão do aluno como «pessoa humana», na sua

dimensão social, cognitiva, cultural, étnica, religiosa, política, de género e observando a sua personalidade é, em meu entender, a sua maior conquista do ensino em Portugal após a generalização.

Atulhada em procedimentos burocráticos numa lógica de autosserviço às políticas de gestão cuja concretização pouco, em nada ou, por vezes, empecilha o quotidiano e o sucesso escolares, as exigências ao professor e, coletivamente, à escola desfoam, na sua prática diária, o seu próprio lema. Ensinar a pensar exige tempo. Saber escrever bem resulta da interação entre saber-pensar e saber-falar. A competência do ato locutório exige riqueza e densidade de interação social, e tempo. A *burguerização* da linguagem terá vantagens, alegam uns, na rapidez; competência discursiva espartilhada em 280 caracteres produz síntese, é certo, mas também superficialidade, repentismo. A descomplicação será seguramente boa, mas descomplicar *porque-sim*, porque não se sabe observar a complexidade das coisas é desguarnecer o espírito humano e torná-lo-á dependentemente vulnerável ao discernimento de outros. Confiar que a inteligência artificial há de substituir a complexidade das coisas, isentando o humano da «dor de pensar» e nisso aceder enfim à doce felicidade do Paraíso é perigoso. Antes de a máquina substituir a genialidade humana, homens há que disso se aproveitarão.

Podemos sempre abrir à discussão sobre o papel da escola na contemporaneidade. Encontrá-lo-emos estatutariamente identificado. A perceção da comunidade é a de que ela não responde cabalmente às solicitações do seu tempo. Essa perceção deficitária ocorre em todas as instituições fundamentais às quais parece querer atribuírem-se poderes extraordinários, algo salvíficos. Ao longo do tempo, desengonçou-se para se ir ajeitando, encaixando-se às exigências que entretanto lhe atribuíram ou ela a si chamou. Nesse processo, procura responder ao papel desejado. Perdeu-se, entretanto, o papel da escola enquanto produtora de conhecimento, tendo sido transferido exclusivamente para a instituição universitária. Tomemo-lo como exemplo, o Padre Manuel Álvares integrou o exercício da docência em transmitir saberes, desenvolver competências profissionais e cognitivas com, porque uma decorre da outra, a criação de conhecimento.

Confesso que nada sabia acerca da pessoa que dá nome à Escola. Sabemos que terá nascido na Vila da Ribeira Brava perto do primeiro quartel do século XVI. Ter-se-á notabilizado nas artes da oratória, nos estudos teológicos e científicos, na produção literária, bem assim no ofício de mestre. Homem valido da terra terá justificado, em grata homenagem, a atribuição de seu nome à primeira escola de ensino secundário da zona oeste da Ilha. Mais acertada é quando, na qualidade de pedagogo, o seu génio se destaca e, em consequência disso, obtém prestígio mundial. Servir-nos-á como figura inspiradora. Aos alunos, servir-lhes-á o exemplo cristão de quem, tendo nascido em local descentrado, pode obter renome e

sucesso. No mundo global, *wwwmente* conetado, não existe periferia o conceito de perifericidade internalizou-se no indivíduo contemporâneo. Pela mesma ordem de razão, não existem escola periférica, alunos periféricos. O lema pedagógico da EBSPMA «voar mais alto, saber mais e ir mais longe» continua e nunca foi tão atual.

Professor Rui Gomes

Nós e Fernão Capelo Gaivota

“– És um pássaro louco – disse gentilmente (Henrique Gaivota) – Se existe alguém capaz de mostrar a um pássaro no chão como ver a mil e quinhentos quilómetros de distância, esse alguém é Fernão Capelo

Gaivota.” (2ª parte)

Quantas vezes apenas porque há a ousadia de ir mais longe do que o Bando se é considerado louco?

Mas, se nos envolvermos no ruído das opiniões pretensamente fundadas em raciocínios lógicos, onde a compaixão e o amor não têm voz, e onde fala mais alto a arrogância, como é possível ‘ir mais longe’?

É do senso mais ou menos comum que somos moldados pelo contexto sócio - cultural em que nascemos, absorvendo as suas nuances, com tal intensidade que, por vezes acreditamos, que somos mero produto das circunstâncias. Nessa imersão encontramos-nos também no papel de professores e de alunos. Muitos de nós, gaivotas com mais experiência e alguns conhecimentos, que orientam outras gaivotas, mais ou menos curiosas, tantas vezes rebeldes, que nos confrontam com a tomada de consciência dos limites dos nossos próprios horizontes.

Fernão Capelo Gaivota, para além do espaço e do tempo, eterno aprendiz, encontrava-se, sempre junto dos seus discípulos *“demonstrando, sugerindo, pressionando, conduzindo. Voava com eles através da noite, das nuvens e da tempestade, só pelo prazer que isso lhe dava, enquanto o Bando se encolhia desconsolado, no solo.”* (2ª parte), Ele pensava, falava, agia com lucidez e compaixão, tornando-se imune aos comentários, sem necessidade de defender posições extremistas como resposta à infelicidade.

Fernão acolhia TODAS as gaivotas curiosas que, à noite, o iam escutar, escondidas do Bando, com medo dos comentários de quem não compreendia mais nada do que as demonstrações de poder, manipulações, superstições, vivendo a limitação do poder de pensar. Fernão acolhia-as e com elas refletia sobre o direito à liberdade de voar, sendo esta a natureza de qualquer gaivota. Defendia que *“a única lei verdadeira é aquela que conduz à Liberdade.”* E quando o medo falava mais alto no coração dos seus aprendizes e estes diziam que não eram capazes, que não eram dotadas das mesmas capacidades que Fernão, ele ensinava que a sua maneira de voar e de viver a vida estava ao alcance de TODOS.

Fernão acreditava que o pensamento é criador, que cada gaivota pode ser livre, se a sua atenção se focar no autoconhecimento, pois descobrirá o verdadeiro e ilimitado SER.

E nós? Quais os limites do nosso pensamento?

Sejamos como ele: aprendizes no caminho da construção da liberdade, sem fascínios, sem superstições, sem as grades dos traumas emocionais que não queremos ver. Sejamos gaivotas abertas à tomada de consciência das próprias fragilidades e das vulnerabilidades daqueles que nos acompanham, para que, em conjunto, consigamos encontrar soluções/ estratégias de superação das prisões, onde ainda vivem muitos dos nossos pensamentos.

Sejamos como aquelas gaivotas que, em terra, deram os primeiros passos na edificação da EBSPMA. Aprendamos com elas a valorizar o essencial.

O que nos distingue uns dos outros são os caminhos percorridos e o tempo que até aqui nos foi dado para percorrê-lo, mas TODOS estamos no processo de aprendizagem da arte de voar mais longe.

Quando esta ideia se torna clara na nossa mente, deixa de haver a necessidade de esconder hesitações, vulnerabilidades, quedas, erros, dúvidas, pois percebemos que ao gastarmos menos energia a escondernos, ganhamos vitalidade para voar mais alto, rumo à compreensão de quem somos e à aquisição de novas competências e conhecimentos. Neste caminho, encontramos outros com a mesma ânsia de autodescoberta, quer gaivotas professoras, quer gaivotas alunos, e percebemos que, na verdade, TODOS somos APRENDIZES.

No entanto, porque cada um é como é, há aqueles que percebem que ‘viver intensamente o momento’ é viver no limite da sobrevivência: comer e beber do melhor, disputar o poder e mostrar que a sua forma de ver é aquela que resolverá os problemas do mundo. Há também aqueles que vibram contra a maioria, só porque se consideram mais lúcidos, dominam as técnicas da sedução argumentativa e passam da passividade à agressividade camuflada de humanidade. Ambos ainda não conseguiram perceber que as suas percepções apenas mascaram cansaços, tristezas, desencontros, que se fossem observados, tal com são, permitiriam substituir ‘certezas’ por ‘possibilidades’, criando espaços de encontro para TODOS.

Deixemos, então, a ideia de perfeição nas suas múltiplas subtilezas e abracemos o caminho para além do barulho ensurdecador do Bando! A visão limitadora do perfeccionismo e o encontro da honestidade da própria imperfeição será o ponto de partida de novos voos, para a descoberta do paraíso, para além do espaço e do tempo (2ª parte).

O trunfo está na percepção do ilimitado, da bondade, do amor: *“Vê mais longe a gaivota que voa mais alto.”*

Ultrapassado o espaço e o tempo, tudo o que nos resta é o AQUI e AGORA; é a liberdade: somos a ideia perfeita de liberdade, sem limites.

Professora Graça Magalhães



Francisca Moniz, 9º D

O ano da morte de José Saramago

São muitas, infelizmente, as perspetivas a partir das quais podemos justificar, ou melhor, apontar razões que expliquem o atual insucesso dos nossos alunos, especialmente em disciplinas como Filosofia, Português ou Literatura. Desta vez, adoto como ponto de partida o *Ano da Morte de José Saramago*, na tentativa de “romper o mar gelado da nossa consciência”, na sua declaração ao Expresso de que à sociedade atual falta filosofia: *“Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objetivo determinado, como a ciência que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma.”*

De facto, os ventos não estão de feição para a filosofia, mas nunca o mundo precisou tanto dela como nestes tempos de pressa, superficialidade, técnica, ruído, caos, aparência, consumo, confusão, que nos turva a visão e a mente. Essa névoa que se interpôs entre os nossos olhos e as coisas, impede-nos de nos vermos a nós mesmos e aos outros, como realmente somos, e de compreendermos que vivemos prisioneiros na caverna de Platão, competindo ferozmente por um mundo de sombras, um mundo de faz-de-conta, um mundo inteiramente fabricado por nós, que encobre a verdade das coisas e as torna invisíveis, um mundo onde facilmente nos deixamos ofuscar, ludibriar, iludir e onde, ao fim e ao cabo, tudo isso pouco importa, já que nada é aqui, realmente, a sério.

A onnipresença do poder da imagem e da sua dinâmica, possibilitado pelas técnicas de informação e comunicação atuais, determinam o modo de vida contemporâneo e a nossa cosmovisão, impondo ao olhar um mundo fictício, que nos confunde o espírito porque, afinal, se tudo pode ser simulado, nada é, se calhar, realmente real, inclusive o Homem; isto é, nós mesmos e os outros. Desse modo, não precisamos de nos levar muito a sério, nem aos nossos alunos nem ao nosso trabalho. Não precisamos de ser sérios em absolutamente nada, o que for será e eles serão o que tiverem de ser. Os nossos alunos não se levam a sério enquanto pessoas, muito menos enquanto alunos, e nós deixamos de ser professores a sério. Deixamo-nos cegar pela cegueira deles e, conseqüentemente, já não somos agentes de mudança de coisa nenhuma, muito menos de mudança social. No *Ensaio sobre a Cegueira*, Saramago lembra a “responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam.” e que é confiando uns nos outros e de mãos dadas, que os cegos conseguem sair do manicómio e reencontrar o mundo que, entretanto, se desmoronou e que terá de ser reinventado, se formos capazes de reinventar a esperança.

Esta tirania da imagem, da pressa, da técnica, da superficialidade, da indiferença, da ficção, em que os nossos alunos vivem, não nos deixa espaço para a reflexão, para o pensar, e conduz inevitavelmente à morte das ideias, dos sonhos e do desejo da utopia, de que vive o pensar e a filosofia, e que se fossem cultivados permitiriam elevar a nossa Humanidade e humanizar o mundo. A ciência e a técnica já provaram que, por si só, não fazem o mundo melhor. Se queremos pensar em termos de progresso é na ética que temos de pensar, é na relação entre as pessoas, é na não-indiferença aos destinos dos outros, ao futuro dos nossos alunos. O progresso ou é moral ou não é coisa nenhuma. Mas, para ver isso é preciso cegar, cegar de uma cegueira branca e abrandar o passo como os cegos fazem, para olhar para dentro de nós mesmos e ver para lá deste mundo de sombras e aparências e assim resgatar a realidade, a seriedade das coisas e a solidariedade.

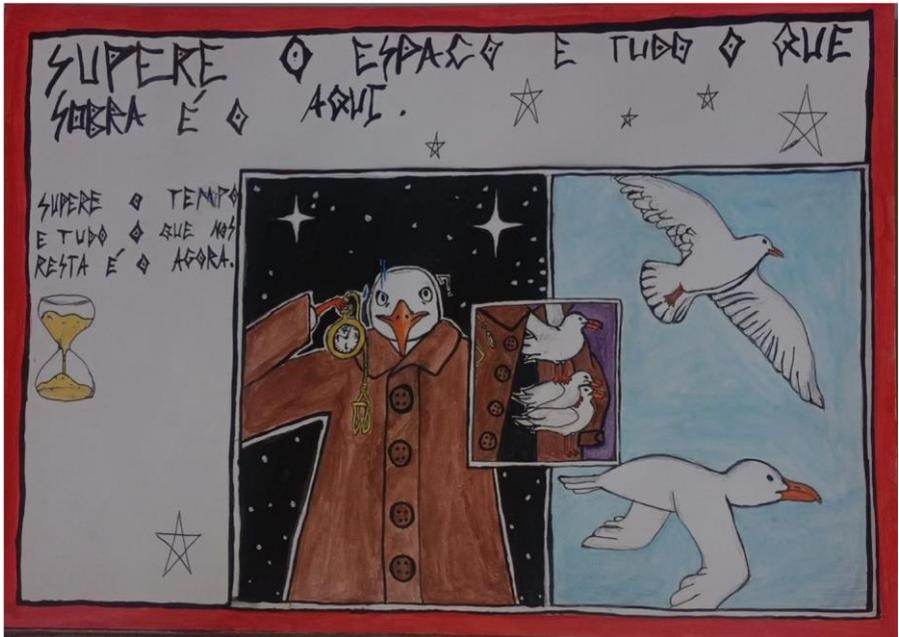
Permitam voltar a lembrar as palavras de Saramago: *“Todos os dias uma comédia vergonhosa que se chama democracia é encenada. Nesta comédia, pode-se debater*

de tudo, menos a própria democracia. A falsidade central deste modelo reside no facto de que o poder económico é o mesmo que o poder político. O único antídoto para reverter esse mau funcionamento da democracia é construir uma sociedade crítica, que não se limita a aceitar as coisas pelo que elas parecem ser e depois não são, mas que faça perguntas e diga não sempre que for preciso dizer não. Para isso, é urgente voltar à filosofia e à reflexão”.

É preciso retornar à Filosofia se queremos salvar a Democracia. Eu sei que é social e politicamente incómodo falar daquilo que os nossos olhos vêem, por isso, muitas vezes, silenciámos até para nós mesmos aquilo que os nossos olhos cegos, finalmente, puderam compreender. Olhamos à nossa volta e vemos o resultado de todas as políticas da educação que nos têm sido impostas, e continuarão a ser, se nos mantivermos incapazes de dizer: Não! Não, aos atentados contra o direito que os nossos alunos têm de ser educados, segundo os seus talentos. Não, à humilhação de no 10º ano terem de reconhecer que fizeram um percurso escolar inadequado, que os impede de continuar. Não, à praga do facilitismo que ofende os nossos alunos e o nosso trabalho. Não, às classificações dadas sem qualquer fundamento ou critério, apenas para que não nos chateiem. Não, a todas as pequenas ou grandes injustiças que se passam à nossa volta, sejam elas quais forem. Nesta escola e nesta sociedade que se diz e quer democrática, são muitas as perguntas que teremos de fazer e são, certamente, muitas aquelas a que teremos de dizer: Não!

Para isso, é preciso que a filosofia, levantada do chão, recupere o uso de um sentido crítico, exigente rigoroso e que o aplique a cada um de nós, à nossa escola e ao mundo em que vivemos, e com ela levantar-se-ão a

literatura, as ideias, a genialidade nas artes e nas ciências. É preciso recuperar o espaço da Filosofia e da sua Humanidade. Porque, como Saramago, *“tenho uma confiança danada no futuro e é para ele que as minhas mãos se estendem. Mas o passado está cheio de vozes que não se calam e ao lado de minha sombra há uma multidão infinita de quantos a justificam.”* O meu problema em relação ao futuro consiste em saber que, na verdade, ninguém se deixa cegar voluntariamente, a maioria dos meus alunos este ano não consentiram que os contaminasse, ainda que a minha cegueira fosse uma cegueira branca. A Saramago restou no *Ensaio sobre a Cegueira* o consolo de um cão que pressentindo o seu desespero, o seu desalento, o seu desejo de cegar face à desolação deste mundo fabricado por cegos, com infinita ternura, lhe seca as lágrimas. A nós resta-nos a alegria de termos feito a diferença para alguns, ainda que poucos, de lhes termos aberto caminho para outros mundos, outras formas de pensar e, principalmente, formas mais autênticas, mais reais, mais verdadeiras, humanas e justas de ser. São eles que nos permitem reinventar a esperança e a alegria de ensinar a cada ano que passa.



Isabel Macedo, 9º A



Com Fernando Capelo Gairola
aprendi que não existem limites,
que tudo podemos e o caminho
insistir e persistir.

PARTE II – VIVÊNCIAS E PERCURSOS

Carla Gonçalves, 9º A

A canção da escola

O ano letivo 1973/74 foi um ano marcante para a zona oeste da Madeira, mais precisamente para a população da Ribeira Brava. Com o alargamento do ensino gratuito, além da 4ª classe, a construção de uma escola de raiz na vila, para o “*ensino Preparatório*”, e a Revolução de Abril, surgiram condições para desabrochar o espírito de Fernão Capelo Gaivota, de *Richard Bach*.

Depois do 25 de abril de 1974, passava na rádio, com muita frequência, a canção «Somos livres», letra e música de Ermelinda Duarte, na sua versão mais curta, que abaixo apresentamos.

Parecia ter sido escrita para o bando de gaivotas que iniciavam o seu percurso nesta escola, sob o lema “*Vê mais longe a gaivota que voa mais alto*”. E, como a vila se tinha tornado o espaço escola, chegado o dia das celebrações do concelho, a escola juntou-se à vida da comunidade e assim nasceu o “*Dia da Escola*”, o 6 de maio. E em cortejo, nas ruas da vila, cantavam a “*sua canção*”.



Isabel Macedo, 9º A

Somos livres

(Ermelinda Duarte)

(...)

*Uma gaivota
Voava, voava Asas de vento
Coração de mar*

*Como ela
Somos livres Somos livres de voar
Uma papoila
Crescia, crescia Grito
vermelho
Num campo qualquer*

*Como ela
Somos livres Somos livres de
crescer Uma criança
Dizia, dizia
Quando for grande Não vou
combater*

*Como ela
Somos livres Somos livres de
dizer Como ela
Somos livres Somos livres de
dizer*

*Somos um Povo que cerra
fileiras
Parte à conquista do pão e da
paz Somos livres, somos livres
Não voltaremos atrás.*



Escola Padre Manuel Álvares, uma ligação para a vida

Segunda-feira, 01 de outubro de 1984, começa uma nova etapa da minha vida. O meu primeiro dia de aulas numa escola enorme, na escola preparatória Padre Manuel Álvares.

O nervosismo, ao acordar cedo, para apanhar a carrinha amarela da escola que nos levava a caminho de uma nova fase, libertado de uma escola perto de casa com um professor, para uma escola com vários professores, com outros amigos, com outros ritmos, com várias disciplinas e em várias salas. Na simplicidade do meu ser, mas com vontade de ir mais longe, apoiado na minha humilde família que além dos valores que me davam, aconselhavam-me para a importância do estudo para poder ir mais além. Minha avó, minha mãe, meus tios quando me incentivavam constantemente para ir à escola, nunca imaginariam que aquele menino muito *“agarrado”* à família, um dia iria ser presidente. Nem eu imaginava, apenas sabia que precisava de estudar para ter uma boa profissão e salário, para ajudar a minha mãe, a minha tia (minha segunda mãe) e minha avó.

E foi assim, por um lado uma família responsável, por outro ter uma escola também com valores, com professores muito próximos de nós que tentavam todos os dias fazer de nós conhecedores e autônomos na sociedade.

O professor Fernando, no português, a professora Celeste, na Matemática, a professora Luisa, no francês, o professor Jorge, a professora Leontina, o professor Rafael e todos os outros, que só queriam fazer de nós os melhores!

Os funcionários muito próximos, as histórias e adivinhas contadas com sabedoria do Sr. Avelino e do Sr. Domingos com o seu carro manual de transporte acompanhado dos seus cães era muitas vezes o nosso entretenimento nos intervalos, nos feriados e também nas horas de almoço. A Sra. Celina, muito barulhenta, mas com bom coração para que a alimentação na cantina não faltasse!

Neste espaço de trabalho, apesar das dificuldades, éramos felizes, quer nas aulas, quer nos intervalos, onde jogar à bola, ou aos berlines ou até mesmo uma partida de damas ou xadrez faziam parte do nosso quotidiano. Em 1989, nova etapa começou, fui dos primeiros alunos no ensino secundário, na área A desta linda escola. Apesar das incertezas iniciais em



fazer o ensino secundário nesta escola, não me arrependi, concluindo com muita satisfação o 12º ano.

Ao longo dos tempos, esta escola foi crescendo, não só em número de alunos e em ofertas curriculares, mas também em novos espaços em que as salas pré-fabricadas foram substituídas por um edifício de raiz. A 04 de janeiro de 1993, nova etapa para mim apareceu, pois volto à Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares, entro numa sala, não era uma sala qualquer, era a sala dos professores para buscar o livro de ponto pois ia dar a minha primeira aula de matemática. A partir daí, nos cinco anos que lecionei, tentei continuar o legado deixado pelos meus professores, trabalhar para que os meus alunos fossem cada vez melhores, ajudando a formar cidadãos livres e responsáveis e com capacidade para participar ativamente na construção de uma sociedade de conhecimento respeitando os valores humanistas, culturais, sociais e ambientais.

Ao longo dos anos, a escola foi cumprindo a sua missão, proporcionando que as inúmeras crianças e jovens do concelho, e não só, que passaram ou encontram-se na Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares “voassem mais alto”, que “olhassem mais além”.

A escola faz-se de uma grande comunidade, dos alunos, dos encarregados de educação, dos professores, dos funcionários, da sociedade onde está inserida, mas também das paredes do edifício e dos seus diversos espaços que aos poucos,

devido à sua longevidade e uso, foram-se degradando, proporcionando condições de trabalho e de estudo cada vez piores, sendo até vista como um dos piores edifícios escolares do concelho e da região. Em 2013, antigo aluno e professor desta escola, fui eleito presidente da Câmara da Ribeira Brava. A minha preocupação com o estado de degradação do edifício, era constante tendo muitas vezes, quer publicamente quer em reuniões com membros dos governos regionais, alertado para a necessidade urgente de obras de recuperação ou, se assim o entendesse, a construção de uma nova escola. Foi para mim uma enorme satisfação quando vejo o início das obras e por fim uma nova escola contruída.

Tendo os meus executivos camarários noção da importância da educação e obviamente desta escola no concelho, tivemos e continuamos a ter as “portas abertas” para parecerias e apoios de forma a facilitar o ensino/ formação dos homens e mulheres de hoje e do amanhã.

Parabéns à Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares pelos seus 50 anos de ação no município, e um agradecimento em nome do município pela formação de excelência que promoveram neste meio século. Um agradecimento pessoal pelo contributo que teve na minha formação pessoal.

Ricardo Nascimento

Recordando

Fui aluna da Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares desde o meu 5º ano até ao 12º ano. Vivía, à data, em S. Paulo, zona alta da Ribeira Brava. Vir estudar para uma escola, que me parecia tão grande, parecia uma aventura. Conhecer tantas pessoas novas, tantas coisas novas... era assustador e, ao mesmo tempo, entusiasmante.

No primeiro dia de aulas conheci uma das pessoas que ficou para sempre na minha vida, a Verónica. Estávamos a consultar o horário, devidamente afixado no vidro da cantina, e descobrimos, as duas, que estávamos na mesma turma e a nossa primeira aula, naquele quinto ano longínquo, foi de música, na sala 19, por baixo das escadas do bar... Até hoje, uma amiga e quase irmã.

Aprendi nesta escola muitas coisas e conheci pessoas que foram estruturantes na minha formação, me fizeram acreditar em mim mesma e estiveram sempre disponíveis para me ouvir e acompanhando o meu pensamento, me fazer crescer e querer crescer e voar. Tal qual o Fernão Capelo Gaivota.

Não posso deixar de enaltecer uma das “minhas pessoas” que levei da escola para a minha vida, a minha professora de Português e História até ao nono ano e hoje uma amiga próxima e muito querida, a Professora Emília Melício. A forma de aprender rindo e brincando, não aceitando nada como certo ou adquirido, pensar e questionar o que nos é dito, aceitar debate de ideias e ideias novas, foi sempre

uma marca do seu ensino. Aprender português, aprender a gostar de ler... O meu pé de laranja lima, que me fez chorar e ser grata pela vida que tinha, por poder estudar e crescer sem preocupações... Ainda é um dos meus livros favoritos!

A Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares, neste momento, não tem a mesma disposição e provavelmente, se entrar na mesma, não reconheço os cantos da casa, mas, de um certo modo, é sempre a minha “casa”. O lugar que reconheço como uma das minhas bases de crescimento e que me fazem, em grande parte, ser quem sou, por tudo o que aprendi e pelas pessoas que na mesma escolhi para fazerem parte da minha vida para sempre.

Passados 35 anos, ainda vou jantar com os miúdos que conheci nesse quinto ano: a Verónica, a Sónia, a Lucília, o Román e a Delfina, com quem ia jogar à bola, brincar à apanhada ou fazer teatro. A quem acrescentei as pessoas do 10º ano que para sempre também estarão na minha vida, a Lorena e o Marko.



A Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares foi, para mim, mais do que um lugar para aprender Matemática, Português, Inglês ou Educação Física, foi o meu penhasco para abrir asas e voar.

Parabéns por tudo o que fazem e continuam a fazer.

Cidalina Freitas

Turbilhão de memórias

Neste ano em que a Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares celebra os seus 50 anos, olho o atual edifício imponente, de linhas modernas e deixo-me invadir por alguma nostalgia, sendo que, um turbilhão de memórias e emoções, reportam-me ao ano de 1974.

No ano letivo 1973/74 concluí o 1º ano, atual 5º ano, no Externato de São Bento, situado na Rua de São Bento, sob a Direção do médico Dr. Fernando Pais. No final do ano letivo, o edifício foi vendido ao senhor Mendes, um prestigiado emigrante ribeira-bravense, que havia feito fortuna na Venezuela e ali viria a construir a sua habitação. Assim sendo, o colégio foi encerrado e extinto. Muitos jovens da Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta e Porto Moniz, viram castradas as suas expectativas de continuarem os seus estudos e o sonho de virem a formar-se, uma vez que, a única saída seria frequentar o Liceu Jaime Moniz ou a Escola Francisco Franco, localizadas no centro do Funchal.

Em 1974 o Funchal ficava a 2 horas de viagem da Ribeira Brava e a 5 horas da Calheta e do Porto Moniz. Os transportes públicos faziam apenas duas carreiras diárias, carregando pessoas apinhadas e alguma mercadoria, por estradas estreitas, sinuosas e calcetadas a pedra. O desconforto era enorme e o cheiro a vômitos, misturados com os fortes odores a transpiração, eram um verdadeiro desafio a resistência individual. As capacidades financeiras para pagar viagens ou alugar quarto no Funchal, eram inacessíveis à maioria, pois viviam-se tempos difíceis, uma vez que os empregos eram quase inexistentes e a maioria das pessoas labutavam arduamente nas terras e no bordado, para poderem sobreviver. A escolaridade obrigatória era apenas até à 4ª classe, atual 4º ano de escolaridade. Os recursos pedagógicos estavam centrados nos manuais escolares, muitos sendo partilhados ou reutilizados, em enciclopédias de difícil acesso ou em livros da biblioteca itinerante. A RTP Madeira estava a dar os primeiros passos, transmitindo imagens pouco acessíveis e a rádio era o meio de comunicação mais ouvido.

Foi neste contexto, que o Professor/Doutor Francisco Simões, com apenas 25 anos de idade, aceitou o desafio lançado pelo seu amigo Virgílio Pereira, de administrar o ensino a estes jovens, numa escola em início de construção, que nem salas de aula tinha. Assim sendo, viu-se confrontado com alunos ávidos por aprender, mas sem meios apropriados para o ensino convencional. A empresa Sousa&Filhos ainda estava a trabalhar nas escavações. No entanto, essa realidade não foi impedimento para o jovem diretor. Depois de auscultar os pais, sensibilizou e motivou os alunos, para ajudarem na construção da escola. Unidos e com entusiasmo, improvisaram espaços e materiais escolares, adquirindo conhecimentos empírico, tácito e científico.

As aulas eram vivenciadas de forma única e inovadora, recorrendo a métodos pedagógicos, que priorizavam a aprendizagem vivencial e experiencial, através das quais a sabedoria empírica e académica, se conjugavam e complementavam. E toda a comunidade educativa era chamada a participar. Todos tinham algo a aprender e a ensinar. Logo, todos se sentiam motivados e valorizados.

O diretor, os professores, os funcionários, colaboradores e alunos, eram incentivados a se tratar de forma doce, amigável, delicada, sendo inculcado o respeito pela diferença, pelos valores, capacidades e ritmos de aprendizagens individuais.

Na prática, o pequeno espaço inicial, logo transcendeu as fronteiras da área destinada a escola, uma vez que eram usadas as mesas dos cafés para escrever e promover debates, o antigo cinema para reunir, as paredes do mercado para artes visuais, os miradouros para observar, mapear e aprender proporcionalidades, as caminhadas para conhecimento do meio, a horta e animais para estudar a reprodução, resolver problemas matemáticos, estudar a nutrição, etc.

Recordo o gosto e prazer que tínhamos, no cuidado e produção dos nossos próprios alimentos, sob a orientação de professores monitores e técnicos agrícolas. Plantávamos e cuidávamos das leguminosas, tais como couve, alface, agrião, cenoura, nabo, pepino, tomate, feijão. Apanhávamos as laranjas, os limões, os morangos, recolhíamos os ovos, mel, leite e cuidávamos dos coelhos, galinhas, das trutas e da vaca estrela. E ainda plantávamos, cuidávamos e recolhíamos os tubérculos, tais como as batatas e o inhame, entre outros.

O livro “Fernão Capelo Gaivota”, através da sua leitura individual e coletiva, e da projeção da película com o filme, transmitiu-nos alguns princípios orientadores, que nos têm regido ao longo da vida, tais como o respeito pela liberdade individual, a ajuda e cooperação ao próximo, o incentivo ao crescimento e evolução e o incentivar a voar cada vez mais alto, independentemente das críticas dos outros. E desde então passamos a ser gaivotas, cada uma com nome próprio, sendo que eu sou, a gaivota “Princesa dos Caracóis”.

Bernardina de Jesus Pestana - Aluna há 50 anos

Atualmente professora do Ensino Básico

Um retrato de memórias

São trinta décadas, que separam o homem do jovem que se desafiou a si próprio e *voou* mais além! Ninguém me disse o quão difícil seria, mas também ninguém me disse que seria fácil!... Com coragem curei das feridas, elas fizeram-me mais forte e, apesar das dúvidas e incertezas, nunca desisti! Ficaram cicatrizes, mas orgulho-me delas, tal como do meu percurso académico.

Lembro-me que todos os anos, quando regressava para as minhas férias escolares na casa dos meus pais, passava sempre pela minha escola. Ainda hoje, gosto de a visitar! É verdade que já não é a mesma. No entanto, e mesmo sem fechar os meus olhos, vejo-a, tal como era! Assim, recordo também os meus queridos professores, os colegas da turma, os amigos. Recordo que já nessa altura, a música era a minha paixão e sempre que surgia uma oportunidade, componha os meus versos e dava-lhes “cor”, através de melodias.

Recordo-me bem dos concursos em que participei, enquanto aluno desta escola. O último, levou-me até Veneza, numa viagem de sonho, como



prémio pelo segundo lugar alcançado. Foram os meus versos, a minha música: *“Cheia de luzes e cores, de noites bem atraentes. Berço de muitos amores, estrada de tanta gente (...) Todo o ano florida, têm flores as estradas, têm flores as moradas. Tudo em ti é cor é vida, tudo em ti é magia (...) Ilha da Madeira, do oceano és sereia”*. São estas memórias (e outras mais) que guardo com um sentimento enorme de gratidão e orgulho, em ter feito parte desta família. Hoje, professor de música, procuro incutir nos meus alunos o mesmo gosto pela música, assim como, para a dança e o teatro, manifestações artísticas extraordinárias, porque através delas conhecemos o mundo e o mundo conhece-nos, numa simbiose única e transformadora.

Se me for permitido, quero deixar aqui uma singela homenagem à professora Luz Figueira. Foi a minha diretora de turma, e tantas vezes, minha confidente. Onde quer que esteja, certamente que se orgulhará das *gaivotas* que ajudou a serem melhores homens e mulheres. Obrigado!

O Rolando de hoje é manifestamente diferente do Rolando de ontem. Porém, continuo a ser um sonhador, em querer voar mais ainda! Tomando as palavras de Fernando Pessoa: *"Nunca fiz senão sonhar"*. Na verdade, *"o sonho comanda a vida"*, como refere também o poeta, António Gedeão. Possuímos a terra, a semente, a água, o sol e a força do sonho. O futuro depende de nós, da nossa determinação, da capacidade de fazer sonhar, de construir e de viver!

Rolando Varela

Ainda me lembro

Também sou orgulhosamente gaivota.

E quero partilhar uma memória, talvez não tão exuberante como outras aqui apresentadas, mas, a meu ver, igualmente digna e até ternurenta.

Seria o Natal de 74 ou 75, não tenho a certeza...

Nessa altura não havia transporte escolar e nós vínhamos e íamos nas camionetes da Rodoeste. Para a Ponta do Sol, havia camionete às 15:30, 16:30, 17:30, 18:30 e 20:30.

Tínhamos aulas de manhã e regressávamos normalmente na camionete das 15:30. Também aconteceu regressarmos a pé algumas vezes, quando havia greve nos transportes. Nessas alturas, íamos pelo calhau e sempre à pressa, para fugir à maré se estivesse a encher. Mas naquele dia a chuva desaconselhava esse trajeto, por isso ficamos à espera...

Acontece que por altura do Natal, as camionetes andavam sobrelotadas. Saíam do Funchal cheias de pessoas que lá se deslocavam para "as compras da Festa". E passavam na Ribeira Brava onde faziam paragem obrigatória para a "pausa das necessidades", sem vagas para mais gente. Aceitavam algumas pessoas de pé, em número reduzido. E só entrava quem sabia "empurrar" ou tinha mais sorte.

A camionete das 15:30 que em condições normais, nos levava, arrancou e deixou-nos em terra.

Pouco depois vimos passar no seu Volkswagen azul o professor, Sr. Luís Mendes, e a gente nem suspeitou do que ele andava a fazer.

Voltou a passar, a observar e perguntou em tom que tanto nos surpreendeu, como nos incomodou:

- O que é que estão aqui a fazer?
- O carro não nos levou! - respondemos em coro.

Lembro que estava eu, a Gorete Baltazar que já faleceu, e outras duas colegas de quem perdi o rasto porque emigraram.

Passou a camionete seguinte, ainda mais cheia, nós voltamos a ficar "em terra". E parece que quanto mais tarde, mais cheias vinham as camionetes do Funchal para baixo.

Voltou a passar o tal Volkswagen azul, uma e outra vez.

Passou outra camionete e nós novamente em terra.

E de novo o tal Volkswagen azul...

Desta vez, para ao pé de nós e de lá de dentro a voz:

- Entrem...

Entramos. E foi-nos levar a casa sem queixas, nem reprovações. Como quem cumpre um dever.

É possível que este episódio hoje não faça nenhum sentido. Mas para nós, naquele dia, foi uma bênção. Nunca mais posso esquecer aquele Volkswagen azul e aquele professor!

Obrigada, professor Luís Mendes. Estou-lhe grata por este gesto a provar que a escola das gaivotas era uma família. Ninguém se sentia desamparado. Uma gaivota em dificuldades era uma questão que dizia respeito a todos.

Ponta do Sol, 20 de fevereiro de 2024
Maria Odília Pereira de Sousa



50 anos da EBPMA e Eu...

14 de outubro de 1973 – *“as gaivotas”* da EBPMA começaram a dar os primeiros passos, saindo do ninho e explorando o espaço à volta e em finais de novembro iniciaram o seu voo. Entre os primeiros passos e o voo, os *pais* (os educadores) revezavam-se para tomar conta das suas *crias*... Neste tempo, ou ainda não tinha o privilégio de fazer parte desta “ordem” ... Em 1989 *“ingressei nesta família”*, principalmente com sede de aprender e fazer a diferença... Até 1992, *“as minhas gaivotas”* eram do 2º ciclo; de 1993 a 1997, do 3º ciclo e secundário (8º e 10º anos) e desta data, até agora, decidi aprender com as gaivotas notívagas, primeiro no ensino recorrente secundário por unidades capitalizáveis e desde 2008-2009 nos cursos de educação e formação de adultos.

Estamos no ano letivo 2023-2024, a Ebspma comemora o seu 50º aniversário... *E eu?* 34 anos que faço parte *“do bando”*. Não sendo uma *“verdadeira gaivota”*, pois não fui aluna desta instituição, estive e estou, sem dúvida, vinculada a esta *“família”*, fazendo parte do processo de aprendizagem que liga os professores aos alunos. Aprendi, e aprendo, com alguns *“mentores”* das gaivotas da Ebspma, a fazer *“acrobacias”* e ousei/ousei ter uma ilimitada ideia de liberdade. Desde 1989 encetei *“voos mais altos”*, muitas vezes bem-sucedidos, outras fracassados...

Neste *“clã”* a que pertenço, Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares, julgo ter feito a diferença na vida de *“algumas gaivotas”* e, tenho a certeza, que estas fizeram e fazem diferença na minha, pois ensinaram-me que a amizade, *“o amor e o perdão merecem respeito e parecem ser igualmente importantes para libertar-se da pressão de obedecer às regras apenas porque são comumente aceites.”*

Continuo a partilhar ideias, descobertas e experiências e também angústias... Continuo *“o meu treino de voo”*. Por vezes, gorado, frustrado, outras, afortunado, vitorioso... A vida é assim ... feita de sucessos e fracassos, de alegrias e tristezas, conciliações e conflitos No fim, o que realmente interessa é que *“os mais fortes não alcancem mais, só por deixar para trás os mais fracos.”*

Para terminar, partilho o meu devaneio que é *a liberdade para me deslocar entre a terra, o mar e o ar*, como uma gaivota, e dou os parabéns à minha, à tua, à Nossa Escola!

Aprendiz Margarida Ferreira

A Escola Padre Manuel Álvares

É uma escola especial, pelo menos para mim. É uma escola que, mais vezes do que poucas, é desvalorizada, vista como inferior, e com mais aspetos negativos do que positivos. É uma escola que não fica nos *rankings* como a melhor, de longe, e da qual muitos alunos querem sair após a conclusão do terceiro ciclo.

Também eu fui assim. Também eu não gostava da escola, queria continuar os estudos no Funchal, achava que não havia nada ali para mim. O quão errada estava! Lá fui eu para o Funchal, para apenas três meses depois, estar desejosa de regressar à Ribeira Brava do meu coração. Esta escola acolheu-me, como a tantos outros, e foi onde me moldei nos anos cruciais da adolescência.

Foi onde conheci a minha melhor amiga, onde fiz as traquinices de pessoa pequena que acha que já percebeu o que é o mundo, mas na realidade, não sabe nada. Onde errei e aprendi. Onde chorei, onde ri, onde me revoltei com o universo, como é costume nestas idades. Foi onde percebi o meu propósito, quem eu sou e onde queria ir. Foi onde entendi o valor de uma simples conversa com uma funcionária com tanto para partilhar de uma vida tão cheia. Onde refleti sobre o quão importantes são os professores e



como são eles os pilares da sociedade, a fundação desta escola, a quem tive o prazer de chamar “*casa*” por seis anos. Algumas das pessoas a quem me refiro continuam na escola, outras já não, provavelmente, ou já não cá estão presentes, mas o meu infundável obrigada. Acho que é até impossível de expressar o quanto contribuíram para quem eu sou hoje em dia.

Todos nós, alunos desta escola, começamos como gaivotas, acabadas de nascer, atiradas ao mundo para ganhar asas e voar. E, como uma mãe atenta, que permite ao filho alguns erros e momentos de aprendizagem, assim vejo esta escola. Está disponível para nós, para nos ajudar, proporcionar conselhos e ajudar. Mas também é necessário criar resiliência e independência e este equilíbrio é fundamental, apesar de raro. Uma escola mais pequena e desviada das atenções tem destas coisas boas (entre muitas outras, de realçar).

A EBPMA tem e sempre terá um sítio especial no meu coração. Segui em frente, estudei na Inglaterra, conheci gente de vários sítios diferentes, culturas e costumes. Vi coisas que nunca pensei ver e vivi situações incríveis. Mas no final de contas, bom filho a casa regressa.

Para terminar, cada vez mais cito Saramago: “*é preciso sair da ilha para ver a ilha*”, e que “*ilha*” linda é esta escola, esta comunidade, que me viu crescer e que tem o meu eterno agradecimento.



As nossas vozes

Foi no longínquo ano letivo de 2004/2005 que o projeto das Modalidades Artísticas teve início na nossa escola. Começou por ser um grupo de instrumental *Orff*, onde os alunos tocavam temas dos mais diversos compositores.

Com a integração de alguns alunos nas bandas filarmónicas, houve uma fase em que os mesmos colaboraram no grupo em atuações, nas Missas de Natal e de aniversário da Escola, Desfiles de Carnaval e em Encontros Regionais.

A entrada e saída de novos alunos e professores originou uma mudança nos objetivos do projeto que voltou à base inicial (instrumental *Orff*), adicionando o canto em conjunto. Posteriormente, uma vez que o interesse dos intervenientes se foi direcionando mais para a prática vocal, o grupo passou a dedicar-se exclusivamente ao canto coral.

A dedicação e evolução deste trabalho, fizeram sentir a necessidade de integrar mais elementos que possibilitassem um maior volume, variedade e equilíbrio vocal para continuar a progredir. Nesse sentido e uma vez que existia o estigma do canto coral estar apenas associado aos cânticos da igreja, surgiu a ideia de alterar o nome de “Grupo Coral” para “Vozes da Nossa Escola”, sugestão dada pelo Coordenador

da Modalidade de Canto Coral, professor José Carlos Bago D’Uva, numa das formações frequentadas pelos professores orientadores. Esta mudança foi um incentivo para que novos alunos, inclusivamente do sexo masculino, se juntassem ao grupo. Ao longo do anos, para além das atuações previstas no plano anual de atividades, o grupo participou em outros projetos realizados na escola, tais como a apresentação de duas óperas ligeiras de Natal em colaboração com os alunos do Curso Profissional de Apoio à Infância, as quais também foram apresentadas no Infantário “O Balão” e na Escola EB1/PE da Ribeira Brava, no âmbito da Formação em Contexto de Trabalho com os alunos dos 11º e 12º anos; a colaboração com o grupo de teatro “Voo à Fantasia” na sonoplastia em várias peças a concurso no Festival de Teatro “Carlos Varela”, nomeadamente: “A Boa Sorte”, “AM/FM”, “O Príncipezinho” e “A Boa Semente”. Destaca-se o primeiro prémio na peça “A Boa Sorte” que nos deu a oportunidade de representar no Teatro Municipal Baltazar Dias. Durante a pandemia, como não podíamos ter ensaios presenciais, os alunos sugeriram que fizéssemos um vídeo com a gravação da interpretação individual de cada um em casa. O tema escolhido foi o “Gladiator”.

No âmbito do concurso de fotografia da escola, atuámos na entrega de prémios que se realizou na FNAC com o tema “Photograph” a convite do professor, Paulo Pingo, docente responsável pela realização deste concurso.

A convite do professor José Carlos Bago D’Uva, o grupo de vozes fez parte da gravação de um DVD de apoio para o seu livro didático “Crescer a Cantar”. Outro projeto colaborativo foi a participação no concerto “The Greatest Showman” juntamente com a classe de conjunto de coro da zona oeste, orientada pela professora Elsa Costa e Silva, acompanhados por banda ao vivo, constituída por alguns professores do conservatório e a solista convidada, Vânia Fernandes.

Sob a organização da Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, o grupo participou em Encontros das Modalidades de Canto Coral, Festival de Coros e, mais recentemente, nos Adventos Musicais. Colaborámos também em dois programas para a RTP Madeira, um sobre as atividades extracurriculares existentes na escola (Geração +) e outro sobre o Diogo Silva (Acima da Média), aluno que pertencia ao grupo de vozes e que foi selecionado como melhor aluno de décimo segundo ano, pelo seu aproveitamento escolar, pela sua conduta exemplar e disponibilidade para ajudar os outros.

O ambiente familiar de interajuda e partilha entre todos os elementos do grupo “Vozes da Nossa Escola” tem sido sempre uma mais valia para que haja motivação e dedicação aos vários projetos que vão surgindo, servindo até de inspiração e preparação para o percurso musical de alguns alunos que optaram por seguir um curso na área da música. Atualmente, alunos em formação superior ou até já em

exercício da sua profissão, continuam, sempre que podem, a visitar e a colaborar com o grupo.

Sofia e Miguel Gonçalves



Testemunho

O meu nome é Joana Sobreira, sou de Ovar, mas adotei a ilha da Madeira como minha desde 2005 e, desde 2007 que sou docente/formadora da EBSPMA, isto é, no ano em que a escola comemora os seus 50 anos, eu comemoro o meu 17º ano letivo, o que já me confere o grau equivalente a qualquer coisa como *“fazer parte da mobília”*. Tive o privilégio de conhecer a *“escola antiga”* e, atualmente, a *“escola nova”*, bem como um incontável número de pessoal não docente, docente e discente. Pessoas (adultos, jovens e adolescentes) com quem tenho convivido, com as suas diferentes personalidades e que me têm enriquecido enquanto professora e, principalmente, enquanto pessoa.

Como a minha formação base é em Matemáticas Aplicadas – Ramo Formação Educacional, foi por lecionar a disciplina de Matemática que iniciei o meu percurso profissional, passando também por ser formadora dos Cursos de Educação e Formação e dos Cursos Profissionais. Mais tarde foi-me atribuído o ensino noturno, inicialmente um desafio, não só devido ao horário, mas principalmente pelos temas que teria de ministrar como formadora de Sociedade, Tecnologia e Ciência dos Cursos de Educação e Formação de Adultos, bem como o *“público”* que teria pela frente. Ao mesmo tempo vi uma oportunidade de trabalhar de forma diferente, fazer algo de novo.

Desde há uns tempos a esta parte, passou a ser uma escolha pessoal, trabalhar à noite, uma vez que acabei por gostar imenso da experiência, pois apesar de existir um guião orientador dos temas, sinto mais liberdade em relação aos conteúdos que posso abordar e às atividades que posso propor realizar. Claro que lidar com adultos

também tem os seus desafios, mas quando se faz o que se gosta, tudo compensa! Sinto que estes cursos são uma grande oportunidade, principalmente para quem deixou de estudar há alguns anos e pretende concluir os seus estudos, ou até prolongá-los para o nível académico. É com grande satisfação que vejo os meus formandos, ano após ano, concluírem o seu percurso de formação e obterem equivalência ao 12º ano.

No presente ano letivo abarqueei mais um desafio, ser formadora de adultos, também, só que da Universidade Sénior da Ribeira Brava. Batizei a “minha” disciplina de *“DivertidaMente para um cérebro ativo”* e, até ao momento, tem sido uma experiência enriquecedora. Nada como absorver as vivências e “beber” do conhecimento dos mais “experientes” nesta vida, enquanto tento melhorar a sua capacidade de memória, coordenação, raciocínio lógico...

Outra componente do meu trabalho que muito aprecio é o clube do grupo de Matemática, uma paixão que tenho e que gosto de partilhar com os alunos que o frequentam. Tenho-os acompanhado a algumas finais (Agente X, Campeonato do Jogos Matemáticos) em representação desta escola e temos alcançado bastantes vezes lugares do pódio, o que é uma enorme alegria!

Também gosto muito de me imbuir nas atividades de outros clubes, como o das Caminhadas da Sónia & Cª ou o Projeto Zen, bem como em muitas atividades promovidas pelo grupo disciplinar/departamento e pela escola.

Gosto muito de ensinar, mas também de aprender, não só com estas experiências que vou tendo ao longo da minha carreira, ou através das palestras a que assisto e das formações/seminários que frequento, mas também com o que os alunos/formandos me têm vindo a ensinar (e que é bastante!). Tenho sentido que faço a diferença na vida de alguns que passam pelas minhas “mãos” e que eu própria tenho mudado e me tornado numa melhor profissional e num ser humano mais realizado e empático, completo e feliz na profissão que escolhi exercer. Acrescento que, nestes anos todos, a relação com alguns alunos/formandos, e também colegas, tem resultado numa amizade para o futuro, o que também muito me enche o coração.

Obrigada a todos os que se têm cruzado comigo por estes corredores e dentro das salas! Ah, e parabéns à EBSPPMA pelo seu meio século!

Joana Sobreira

“Podes sim, Fernão. Tu aprendeste. Acabou uma aprendizagem e chegou a hora de começar outro.”

O nascimento do grupo: “Voo à Fantasia”

O Grupo de Teatro da Escola Secundária Padre Manuel Álvares nasceu em 1999, ano em que fui colocada no Grupo 300 desta escola.

Era a primeira vez que me aventurava em tais voos! Inexperiente na área, apesar de várias formações feitas, iniciei o percurso deste Clube na expectativa de cativar os meus alunos a recriar as obras literárias lecionadas, sem saber qual seria a sua adesão. Mas foi tal o entusiasmo inicial, que eles logo o quiseram batizar com o nome de “Voo à Fantasia”. Certamente um nome que rotulou, inúmeras vezes, a capacidade interpretativa e recreativa dos textos, ora então trabalhados nas aulas de Português.

E porque recriar é de certa forma entrar no mundo da fantasia, todos nós demos asas à imaginação e voámos bem alto, tão alto que o nosso pequeno Clube ganhou asas de condor e, passados 25 anos, continua a voar com autonomia, com robustez, é mais forte do que nunca e reconhecido a vários níveis. *Quem diria?!*

Mas, antes de continuar, é altura de abrir parênteses e de falar de alguém muito especial, da professora que é responsável pelo sucesso deste Grupo



Teatral, que muito tem contribuído para a sua dignificação, e com quem tive o privilégio e a honra de trabalhar. Trata-se da minha querida amiga e colega de grupo disciplinar, Lília Pereira.

Lembro-me, com alguma nostalgia, das viagens culturais que organizámos realizámos com os nossos alunos, ao Porto, capital da cultura, e a Lisboa. Uma experiência inesquecível!

De entre os louvores recebidos, o trabalho colaborativo e o reconhecimento obtido por todos os intervenientes fizeram-me acreditar que o valor da educação está, sobretudo, na partilha, na disponibilidade, na entrega e na exigência daqueles que tudo fazem por um bem maior.

Parabéns à professora Lília Pereira que, graças ao seu profissionalismo e empenho, tem conseguido elevar, com grande êxito, o Grupo “Voo à Fantasia” a patamares cada vez mais altos, alcançando reconhecimento e merecidos prémios.

E para terminar, felicitações à Escola Secundária Padre Manuel Álvares pelo seu quinquagésimo aniversário! É tempo de recordar o passado e de repensar o futuro. Que a ESCOLA continue a ser um local de conhecimento, de descoberta, de inovação, de respeito e de valor.

Lisboa, 24 de fevereiro, de 2024

Ana Luísa Pardal



Família Voo à Fantasia

Voo à Fantasia – comemora este ano

25 anos de Vida, um quarto de século

Foi há 25 anos! Se tiverem paciência de ler até ao fim, vou contar-vos um segredo.

1999/2000- ingressei como voluntária no grupo de teatro, dinamizado pela professora Luísa Pardal com quem trabalhei dois anos. Ela seguiu para outra escola e eu dei continuidade ao projeto, até hoje.

2000/2001, passei a integrar formalmente o projeto, apresentando projeto em Conselho Pedagógico, e, posteriormente, nas Modalidades Artísticas DRE.

Nome:

Batizámos: Voo à Fantasia. Eu explico. O voo das Gaivotas; A fantasia é o sonho, o que permite extrapolar muros e criar sem medo de errar, abrindo caminhos sem fronteiras... *“Pelo sonho é que vamos!”*

Funcionamento:

À sexta-feira de tarde, mais os dias em que *“é preciso”*. O grupo tem sempre uma média de vinte alunos a participar. Este ano são vinte e dois. Não é preciso publicidade, pelo contrário, nada de publicidade. A dinâmica fala por si. Quem quer, descobre e aparece.

Muitos alunos há que vêm, no 1º período, para experimentar, porque lhes parece divertido, e/ou porque viram a peça no ano anterior. Porém, logo que percebem que é para trabalhar, que exige esforço, paciência e entrega, voltam à sombra. Cada vez mais se quer tudo fácil e rápido. A piada fácil, o texto curto. Sem trabalho. Não é esse o meu lema.

Muitos outros alunos, abraçam o projeto desde tenra idade e permanecem até ao secundário com dedicação (alguns, até, não mudaram de escola no secundário para poderem continuar no Grupo de Teatro), lembro, em especial, Lúcia Mendes, Paulo Coelho, João Ventura, Mónica Côrte, Filipe Luz, Angélica Reis, Anabela Teles, Ana Santos, Rubina Côrte, Vítor Contreras e o aluno, ainda connosco no 12º ano, João Pedro Côrte. Destaque especial para a Liliana Ferreira que esteve neste grupo desde sempre, mesmo depois de sair da escola. Destaco o incalculável valor que este projeto teve nas suas vidas, *quantas vezes tábuas de salvação num “mar de sargaço”?* (digo-o porque sei)

Ao longo dos anos:

Dinamizei incontáveis atividades, desde a criação e apresentação de peças de teatro, à organização de eventos de apreciação de peças de teatro de outros grupos escolares e/ ou profissionais. Participei, desde os primórdios, e anualmente, no *Festival de Teatro Escolar - Carlos Varela*. Atividade que implica o crescer

exponencial de responsabilidade e de trabalho, pelo brio pessoal e profissional e pela consciência de estar a representar a escola e o concelho.

Esbati sempre com muitas dificuldades de tirar a vontade de continuar. Contrariedades. Pessoas que em vez de ajudar, sendo esse o seu dever, nos puxaram para trás. Cheguei a ir ao chão. Resisti. *Um projeto que me faz sofrer e desanimar, porquê esta paixão? Porquê continuar?*

O mais importante, o exercício de representar permite a descoberta do SER, uma consciência que nos liberta, que faz melhorar a vida dos alunos. Sinto-me em missão. Por outro lado, houve quem ajudasse. Ao longo destes 25 anos, tive alguns companheiros de Viagem. Uma congregação de esforços que contribuíram para o sucesso com a produção de adereços e de cenários.

Agradeço a todos, em especial à professora Luísa Pardal, que deu início ao projeto, ao qual dei continuidade, à professora Vanda Caixas, pela força e ensinamentos que me deu quando estive connosco e, o mais especial de todos, o professor Bernardino Côrte, meu companheiro de Viagem, desde sempre neste grupo. Finalmente, agradeço à atual direção da escola o apoio humano.

Nestes 25 anos, desiludida por promessas e mais promessas sempre adiadas e canceladas, já não acredito que venha a ter um espaço condigno para trabalhar-lugar de ensaio, de atelier, de arrumação, de encontro, de trabalho (essencial para rentabilizar e facilitar a Vida deste grupo).

Vou contar-vos, o segredo está em Não Desistir. Resistir!

“Partimos. Vamos. Somos.”

Lília Pereira

Na primeira pessoa...

O clube de teatro para mim já era algo incrível, mas, à medida que o tempo passava, tornava-se cada vez mais fantástico pertencer a este grupo maravilhoso, o grande “Voo à Fantasia”. Entrei no clube no meu sexto ano, por sugestão de uma professora, por incrível que pareça, de matemática. Ela sugeriu-me entrar no clube depois de uma aula em que tivemos de fazer uma miniapresentação, no meu quinto ano. E só não entrei nesse mesmo ano porque o ano infelizmente já estava a meio. E que grande sugestão esta de entrar no “Voo à Fantasia”! Gostei tanto que permaneci até aos dias de hoje, ou seja, até ao meu 12º ano.

Ao longo destes anos, entrei em múltiplas peças, desde a “Boa sorte”, ou até, desde o simples mas não menos importante conto “Maltrapilho de Natal”; também passei pelo “AM-FM”, pelo “Príncipezinho”, pelo “Amor Impossível” (a partir de “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá” de Jorge Amado), pela “Boa Semente” e finalmente até esta que, infelizmente, será a minha última peça “Um Homem ao Leme”.



Todas as peças tiveram a sua importância. Numas fui só figurante, noutras tinha poucas falas e, nas mais recentes, fui protagonista. Todas, mas mesmo todas, foram importantes para a construção do ator que sou hoje, e, principalmente, o rapaz que sou hoje, graças aos tempos que passei no clube de teatro, às sextas feiras que ficava para a tarde para preparar as peças e aprender com os outros colegas, amigos e professores do “Voo à Fantasia”. Mas principalmente com os professores que estão sempre lá para ajudar tanto na construção da nossa personagem, como na construção da nossa pessoa.

Quero agradecer a todos os colegas que estiveram comigo nesta minha jornada, “no Voo à Fantasia”, que vai ficar marcada para o resto da minha vida! Estes que se

tornaram amigos, família, sim porque este grupo é uma família, mas também agradecer aos professores, à professora Lília, a “*mãe*” desta família, que nos ajuda na criação da peça (personagens, textos, roupas, cenários, entradas, saídas, encenação, música, luz; orienta tudo), sempre com energia para nos aturar (mesmo quando estamos insuportáveis), para se rir connosco, para se divertir connosco e nos ensinar coisas para a vida; ao professor Bernardino que pode ser considerado como o “*pai*” deste grupo, este mais calmo, mas sempre com intervenções pertinentes para ajudar na criação da peça, a construir cenários incríveis, e, como uma criança, a brincar com os alunos, para alegria nossa e nervos da professora, quando a brincadeira interfere com o trabalho. Uma família com a dose certa de amor, alegria, mas também de respeito e de aprendizagem. Também não esquecer as outras professoras, Vanda e Elisabete, que passaram na minha jornada, que podem ser as “*tias*” do grupo, que também foram importantes na criação de personagens, tanto no texto como no vestuário. E mais recente, o professor José que pode ser considerado o “*primo*” disponível para brincar, se divertir connosco, mas também sempre pronto e disponível para ajudar no que for preciso. OBRIGADO por tudo “*Voo à Fantasia*”!

João Pedro Corte, 12ºCT1



Eu sempre vejo a professora a esforçar-se para o melhor da peça, ajudando na caracterização, na expressão das emoções das personagens e até mesmo trazendo factos e histórias que nós não conhecíamos.

O grupo de teatro ajuda-nos tanto na escola, como a nível pessoal. Ajudou-me muito. As pessoas começaram a falar de como eu floresci depois que entrei. Isso não seria possível sem uma professora maravilhosa que nos ajuda tanto! que tem paixão pelo que faz! E tanta paciência para nos “*aturar*”!

Mariangel Julião, 11ºLH1

Nestes últimos três anos, o grupo "*Voo à Fantasia*" tem sido desde o início o momento feliz da semana, a parte boa, sempre foi o momento em que tudo estava bem.

Todos as tardes de sexta, todos os ensaios, a maior parte das vezes foram momentos em que felicidade era a única coisa que eu sentia e eu sempre esperava e espero que os outros sintam o mesmo durante esses momentos (eu tento fazer com que essa seja a verdade para todos no grupo).

Eu tive a oportunidade de conhecer diversas pessoas a quem, se não fosse pelo grupo, talvez eu nunca teria dito sequer uma palavra. Eu considero que todos que fazem parte deste grupo são como uma segunda família.

A minha participação neste grupo foi o que abriu os meus olhos e fez-me perceber que o teatro é a minha paixão. Eu serei eternamente grata por poder dizer que eu participei no grupo *Voo à Fantasia* e pela grande oportunidade que a professora Lília me deu. Eu amaria poder fazer parte deste grupo para sempre!

Alice Serrão, 8^oC

Ribeira Brava, 6 de maio de 2024



Carta de amizade à Gaiivota do futuro

Querida Gaiivota – que sobrevoas um espaço temporal longínquo no futuro –, escrevo-te com a mais doce e profunda amizade neste 50^o aniversário da minha, da tua, da nossa Escola. Quem sou? À tua semelhança, uma Gaiivota que neste ninho cresceu, que ousou partir à descoberta de si e do mundo. Serás, com certeza, dotada de um vasto conhecimento da nossa História. Saberás que as raízes que nos unem se distinguem pela simplicidade, pelo amor e pela prevalência do querer aprender. Dedico-te esta humilde carta, nesta nobre data comemorativa, para

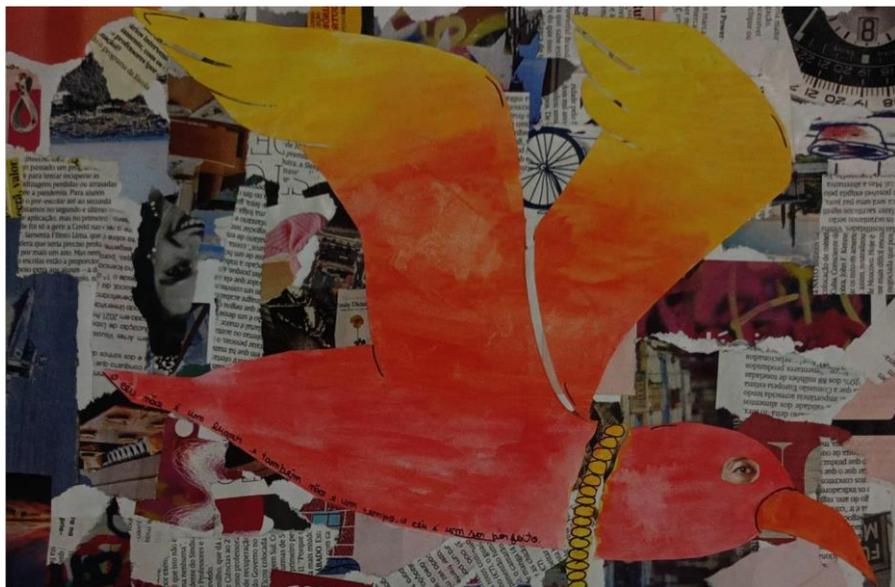
perpetuar no teu coração bondoso o afeto da Gaivota do passado, que consegue sentir e visualizar o imenso potencial que mora em ti. Quisera eu marcar presença no teu presente, viajar pelos dias que distanciam o teu 'hoje' do meu 'agora', abraçar o teu corpo vivo, celebrar junto a ti a nossa existência. Aliás, a nossa coexistência, pois em ti habita a memória coletiva, pois por todos nós é semeado o voo eterno. Estarás, quiçá, algures na Terra ou de visita a planetas, astros ou constelações. Estarás, imagino, tão próxima das estrelas que preenchem os céus. Poderás estar a praticar voos entre as nuvens ribeira-bravenses, que embelezam a paisagem costeira atlântica. Quer estejas em terra, na água ou no ar, espero que esta carta chegue até ti com a graça das flores, com a força dos ventos e com a energia das marés. Estou a visitar-te em espírito. Estou contigo, com a tua geração de Gaivotas belas, livres e sonhadoras. Não me vês, mas sentes-me, com o teu coração. Sou a voz que lê e que ecoa na tua mente. Que visão tão nítida, tão bonita da nossa Escola! É nesta brisa revigorante que flutuam os passos desafiantes e certos da aprendizagem. Aprende, mas não te apresses. Estuda, mas não te compares. Voa, no teu próprio ritmo sagrado, mas não te demores, pois, a vida desfaz-se na espera e a liberdade alcança-se somente após um salto de fé. Na dúvida ou na incerteza, rende-te ao inconformismo e procura, com paixão, viver em harmonia com as tuas companheiras Gaivotas que arriscam questionar e gerar o verdadeiro saber, do livro à experiência, da arte à ciência, da emoção à consciência. Afinal, quem é mais responsável que uma Gaivota que descobre e segue um desígnio elevado na vida? Inspiras-nos com a tua vontade persistente de voar alto e longe. Cresces em direção ao infinito num admirável golpe de asa, de que tanto se orgulham os teus sábios Mestres ancestrais. Expande as tuas asas, alarga os teus horizontes, conecta-te à bússola da intuição e, assim, ascenderás à luz da sabedoria.

Como brilha tão radiante a tua verdade! Honra a tua essência, a tua autenticidade. Por mais alto que voes, por mais longe que vejas, jura à tua Gaivota próxima respeito, empatia e solidariedade. Jamais te permitas corromper perante os males do mundo, em detrimento do teu Ser e da tua comunidade. Sê humilde nas tuas escolhas, nas tuas decisões. Age com ética e integridade. Pratica os valores nobres da tolerância, da paz e do diálogo. Procura compreender. Procura aceitar. O mais valioso indicador de crescimento traduz-se no sentido de responsabilidade. Muda, evolui, transforma. Uma Gaivota feliz e realizada poderá conquistar feitos maravilhosos se se mantiver íntegra, honesta, aberta à cooperação. Com espírito justo e compassivo, partilha o que descobrires, pois, a grandeza do teu conhecimento gerará impactos frutíferos em prol de todas as Gaivotas. És tu quem criará a nova era, um paradigma inovador em que florirão o desenvolvimento, a entajuda e o progresso. É a interação positiva entre os saberes e entre as Gaivotas que abrirá trilhos de criatividade e de bemestar individual e coletivo. O poder és tu, Gaivota! Dentro de ti habita a esperança na felicidade. Participa, intervém,

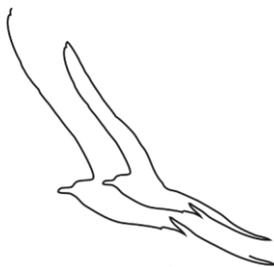
empenha-te na construção da tua, da vossa realidade. Com compromisso, foco e disciplina, os sonhos tornar-se-ão reais e tangíveis. Basta um consistente e habilidoso bater de asas. O saber liberta. A liberdade é o voo.

Voa! Um abraço doce e fraterno,

Gaiota Caroline Gouveia



Isaura Santos, 9º A



escola básica e secundária

Padre Manuel Álvares

TEMOS LIBERDADE PARA IR AONDE QUISERMOS E SER O QUE SOMOS



escola básica e secundária
Padre Manuel Álvares